

«Sonhos de Barro»

(A LOUCEIRINHA)



OPERETA EM II ACTOS

Letra de Abílio de Mesquita
Música de Edmundo Barbosa
e

Rosa da Conceição C. G. Barbosa



«Sonhos de Barro»

(A LOUCEIRINHA)



OPERETA EM II ACTOS



Letra de Abílio de Mesquita

Música de Edmundo Barbosa

e

Rosa da Conceição C. G. Barbosa

Decorreram já perto de quarenta anos sobre a representação daquilo a que, com bastante arrojo, se deu o nome de opereta.

Foi escrita e musicada para um grupo de adolescentes, quasi todos da mesma família, que passavam as suas férias numa Quinta do concelho de Barcelos, Lugar onde se desenrolam os factos que constituem o seu entrecho.

«Dido and Aeneas», célebre ópera de Henry Purcell, também foi composta para ser representada pelas alunas dum Colégio Inglês.

Isto sem querer de forma alguma pôr em confronto esta obra prima com o modesto trabalho presente. Só que, quer uma, quer outra foram determinadas pelo mesmo objectivo — divertir os jovens e proporcionar-lhes o ensejo de exhibirem os seus recursos artísticos —.

E se se pergunta porque só agora se faz esta impressão — note-se que não dizemos dar à publicidade o trabalho, porque ele destina-se a um restrito número de amigos e conhecidos — responde-se que, no presente, alguém pretende levá-lo novamente à cena e também e, sobretudo, para dar um lenitivo à saudade.

A efabulação, embora, naturalmente, constitua obra de ficção, assenta em factos com certa verosimilhança e um dos personagens que, aliás, não se vê, é histórico e verdadeiro.

O «CHASCO», que habitava a vizinha freguesia de Martim, viveu e celebrizou-se como salteador.

Dele contam os antigos que tendo assaltado o abade da freguesia, de avançada idade, logo na missa matinal desse dia, revelou o facto aos fieis e, com humor, destes solicitou que guardassem segredo quanto ao seu autor.

Ainda hoje alguns ramos da família com aquele apelido vivem trabalhando honradamente em algumas das freguesias circunvizinhas.

A olaria da região, como a de outras próximas, constitue a parte ambiental da acção.

★

★ ★

Duas notas se poêm em destaque por não serem suficientemente explícitos o libreto e a música nesse aspecto.

O bailado do 1.º quadro do 1.º acto deve traduzir-se assim: Maria do Carmo que adormece nos degraus do cruzeiro, em seu sonho não quer acreditar que Tónio, a quem ama e que é quasi desconhecido na freguesia, seja o salteador «Chasco», como se sussurra.

É a luta entre a dúvida e o amor que constitue o tema do bailado.

A meio do côro inicial do 2.º quadro do 1.º acto, há um motivo popular de mais de um século.

Não tem letra.

É cantada por um solista, ao tempo que com o pé tange uma roda de louceiro, usando a quadra que mais ache conforme.

E. B.

PERSONAGENS

Maria do Carmo	(20 anos)	loiceira
António Manuel	(25 anos)	loiceira
Joaquim	(25 anos)	loiceiro
Engrácia	(24 anos)	loiceira
Regedor	(45 anos)	
Mulher do Regedor	(40 anos)	gorda
Mulher do cabo de ordens.	(40 anos)	magra
Ti Chico	(60 anos)	

As cenas passam-se na região entre Braga e Barcelos.

Em pleno verão

1.º ACTO

1.º QUADRO

À E. fundo, uma pequena ermida em terreno sobranceiro.

Enquanto se declame ou cante, entram, nela, campónios e cachopas; quando começa o bailado, só este é que tem movimento, quer dizer, se por necessidade de encenação se vir a ermida, as saídas ou entradas nesta são impraticáveis.

À D. baixa, um cruzeiro tosco, dos que abundam nos adros do Minho, sobre ele foco de luz intensa que vai diminuindo de intensidade gradualmente. Num dos degrais do cruzeiro senta-se **Maria do Carmo**, tendo no regaço um livro que lê atentamente.

Vozes (em côro) Nos mais lindos recantos da aldeia,
Entre o valor da fé e o sol do dia-a-dia,
Passam rezas à hora da ceia
Vivem sonhos de amor e magia.
Neste Minho onde tudo é delícia
Entre Tibãis saudosa e a Pousa bem lembrada,
As moçoilas com grande perícia
Fazem loiça de barro vidrada.

Maria do Carmo

Ah quem me dera
Ter sempre a visão
Dum grande amor
De estranha paixão!

Um qualquer escondido ricão
Toma o barro vermelho as formas caprichosas
Que as moçoilas garridas lhe dão
Como sombras de amor bem formosas.

Vozes (em coro) Quando as sombras da noite, na aldeia,
Passam pelos casais lembrando almas penadas,
Com o calor o presigo da ceia,
Vem um cheiro à faúlha queimada,
Neste Minho onde tudo é beleza
Entre Tibãis vetusta e a Pousa bem amada,
As cachopas com grande destreza
Fazem loiça de barro vidrada...

Maria do Carmo

Ah quem me dera
Ter sempre a visão
Dum grande amor
De estranha paixão!

E depois vão rezar pela sorte
Dos que sabem sofrer com franca galhardia,
Pelos que andam ao lado da morte
E por quem sobre o mar não tem guia!

Uma voz

Nas aldeias do Minho
Há cruzeiros em todo o lugar
A ensinar o caminho
De quem sabe sentir e sonhar
E de quem sabe amar;
Neles vem namorados
Dar ensejos a conversas de amor...
Quantas almas penadas
Vão rezar a um cruzeiro
Para assim amainar sua dor!

Outra voz

Eu sei lá se hei-de vir algum dia
A encontrar num cruzeiro o meu norte!
Nas conversas de amor que eu tiver
Oxalá Deus me dê boa sorte!
Nas conversas de amor
Deus me dê boa sorte!

Uma voz

Nas aldeias do Minho
Há cruzeiros por todo o lugar
A ensinar o caminho
De quem sabe sentir e sonhar...

Maria do Carmo

A tempo, adormece com o livro no regaço,
Tendo por encosto um degrau de cruzeiro.
Foco de luz desaparecido. Desce uma cortina.
Começa o **bailado** até final do 1.º quadro.

2.º QUADRO

Ar livre, minhoto

ou

Quinteiro ou alpendre onde se exerce o fabrico de loiça de barro, com várias entradas praticáveis «ad libitum», adaptado ao fim em vista. Dia claro.

- CENA I -

(Loiceiras e loiceiros)

(entre eles mulher do Regedor e mulher do cabo de ordens e Regedor)

CANTAM :

Loiça de barro vermelho,
A loiça das nossas casas,
Tem a cor do sol poente,
O rubor das nossas brazas.

Anda o barro em nossas mãos
A bailar em desgarrada
Para dar forma e virtude
A loiça mais variada.

Bilhas vermelhas de barro,
Jarras de barro vermelho,
Sois um motivo tão novo
Apesar de muito velho.

Algumas vozes :

Ah quem me dera
Moldar a vida,
Como se fosse
Uma jarra florida!
Ah quem nos dera
Ver nosso destino
Moldado assim
Nas nossas mãos
Em desatino!

- CENA II -

(os mesmos e Joaquim)

Joaquim (entrando apressado e nervoso): Rais parte a má sorte que caiu sobre nós.

Regedor: Eh Jaquim! Tu não vens de bô parecer. Que te assucedeu, home?

Joaquim: Mais um assalto da quadrilha.

Vozes: Outro assalto do «Chasco»? Valha-nos Deus!

M. Regedor: E aonde, Jaquim?

Joaquim: A uma casa que fica lá para baixo, no areal do Cávado. Ainda por cima os malandros deitaram-lhe o fogo.

M. Regedor: O fogo? E morreu alguém?

Joaquim: Eu sei lá?

Regedor: Então não viste?

Joaquim: Quando lá cheguei, quer dizer quando cheguei ao moínho, já vi tudo a arder.

M. cabo de ordens E viste os quadrilheiros?

Joaquim: Não. O António Manuel é que me contou tudo.

M. Regedor: O Tónio Manuel. Mais outra vez...

Joaquim: Mais outra vez, quê?

M. Regedor: Sim, mais outra vez. Sempre que há qualquer assalto ele assiste e...

Joaquim: (atalhando) Eh má língua! Olhe que se pode queimar no fogo. O Tónio Manuel não é quem você pensa. É um home às direitas, um rapaz muito fino.

M. Regedor: Sarà o que tu quizeres. Mas lá que é suspeito, é. A gente nem sabe donde ele veio.

Joaquim: Qu'importa? Basta que a gente saiba que á trabalhador e sério O resto...

Regedor: (atalhando) Pois o resto é que é tudo. Aqui, na nossa terra, um homem sem nome, sem família...

M. Regedor: (desdenhosa) É um António Manuel... nada mais.

Joaquim: Eh raio! Saia da minha vista que já não a vejo.

(Loiceiros e loiceiras vão saindo aos poucos, cabisbaixos, ficando apenas Joaquim e Regedor)

Regedor: Não te zangues, home!

Joaquim: É que não posso ouvir destas coisas, nas costas do Tónio Manuel.

Regedor: Mas ouve cá, Joaquim: não te vem assim, a modos duma dúvida, ao veres que o Tónio aparece sempre nestas coisas?

Joaquim: Não me vem dúvida nenhuma. O Tónio é muito letrado e muito dado aos estudos.

Regedor: E que tem isso com o caso?

Joaquim: Ora que tem! Ele passa as horas fora do trabalho a correr os montes, a estudar pedras e bichos, e até a ver de que é feita a terra.

Regedor: Entende ele alguma coisa disso!

Joaquim: Pois não entenderá, mas tem paixão por essas coisas.

Regedor: E porque anda de noite, quando a quadrilha faz algumas das suas?

Joaquim: Para estudar.

Regedor: Estudar de noite, às escuras, o quê?

Joaquim: Ora o quê! As estrelas e o céu.

Regedor: Então é maluco.

Joaquim: Isso pensamos nós. Mas cada um vive como quer. Quando o vi hoje, disse-me que tinha ido para o moinho para ver nascer o sol que hoje passa... ore espere... olhe passa num lugar...passa num ponto... passa num sítio... é isso... passa no «sol do sítio».

Regedor: Isso é mentira. O sol nunca sai do céu.

Joaquim: Ele é que o sabe. (Noutro tom). Ora, como foi para lá muito cedo, ouviu gritos lá em baixo, no Cávado; desceu o monte para ver o que se passava. A casa começou a arder e ele só chegou ao meio do caminho porque sobre ele começaram a despejar alguns tiros. Foi então que eu cheguei. Contou-me o que tinha havido e voltamos logo para a aldeia.

Regedor: Tu és muito amigo do Tónio?

Joaquim: Ah isso sou!

Regedor: Oxalá não te venhas a arrepender.

Joaquim: Ora, ora! O que dizem para aí é por despeito.

Regedor: Oxalá, oxalá, Jaquim! Vamos ao moinho ;
quero ver qual foi a casa assaltada. Isto de ser
Regidor é uma grande estopada!

(Saíem)

- C E N A I I I -

(Maria do Carmo e depois Engrácia)

Maria do Carmo (canta)

Eu não sei bem porque feliz razão
Nele encontrei um sonho que extasia...
A sua voz tem o fatal condão
De me dizer que a vida é uma alegria.
Cheio de luz, de vida e de expressão,
O seu olhar sincero e penetrante
Sabe falar com geito ao coração,
Sabe sonhar um sonho enebriante!

Eu não sei bem porque fatal destino
Nele encontrei o meu melhor quebranto...
Linda visão dum sonho peregrino,
Oh meu amor, Oh meu eterno encanto!

Engrácia: (entrando a tempo). Bom dia, Maria do Carmo.

M. do Carmo: Bom dia, Engrácia.

Engrácia: Então já sabes que a quadrilha do «Chasco»
fez outra vez das suas? E então em casa duma
pobre velhinha, a Ti'Ana da Fetal... Deixaram-
-lhe a vida apenas; de resto, nem um ceitel,
pois até lhe deitaram fogo ao casebre.

M. do Carmo: Pobre Ti'Ana e pobres de nós todos que estamos sujeitos a esses malfeitores.

Engrácia: Inda por cima, continuam a murmurar do Tónio Manuel.

M. do Carmo: Isso é uma infâmia!

Engrácia: Pois será; mas da fama não se livra.

M. do Carmo: O Tónio não tem coração para tal.

Engrácia: Tu vê-lo sempre pelo lado melhor, Maria do Carmo. É o teu coração a falar.

M. do Carmo: O coração não se engana.

Engrácia: Parece-te. Eu sempre sou mais velha do que tu. Já não me deixo levar por ilusões.

M. do Carmo: Que o diga o Jaquim (em aparte)

Engrácia: Ora, a meu ver, o povo tem a sua razão para desconfiar do Tónio.

M. do Carmo: Não sejas injusta; não te deixes levar pelos outros.

Engrácia: Não sei porque te foste prender por quem não tem eira nem beira.

M. do Carmo: Se és minha amiga, cala-te. Fala-me de tudo menos desse assunto. Já estou farta de ouvir o mesmo disco.

Engrácia: Olha que não é por mal. E há tantos que te queriam para conversada!...Até o morgado de Martim!

M. do Carmo: Adiante; adiante. O Tónio Manuel é trabalhador e sério, isso me bastava. Mas ainda tem a mais aquilo que poucos entendem: é muito estudioso e sabe de tudo.

Engrácia: Ah! isso é verdade. Até o senhor Abade diz que em muitas coisas o Tónio mostra tantos conhecimentos e sabedoria que até ele se espanta.

M. do Carmo: E a senhora professora não se farta de lhe perguntar coisas. O Tónio não é quem vocês julgam.

Engrácia: Nunca te falou donde veio, nem se tem família?

M. do Carmo: Não. E, se tento pesquisar, esquiva-se.

Engrácia: Tudo isso é suspeito, Maria do Carmo.

M. do Carmo: Qu'importa? Um dia saberei tudo. E tu podes mudar um pouco essa opinião, se...

Engrácia: Se... quê?

M. do Carmo: Se falares com o Joaquim sobre o assunto.

Engrácia: O Joaquim é suspeito.

M. do Carmo: Porquê?

Engrácia: Porque é como tu. Só diz bem do Tónio; caíu-lhe no gôto.

M. do Carmo: Razão tem para isso, certamente.

Engrácia: Até lhe deu para estudar, já barbado e livres das sortes. Eu até às vezes não o entendo.

M. do Carmo: Já vês que o Tónio algum valor tem.

Engrácia: Ah isso tem! Muda o juízo aos outros. Vou-me à vida. (a sair) Olha, Maria do Carmo, sabes o que te digo? O Tónio é um revolucionário. (sai)

M. do Carmo: (Olhando Engrácia que já tem saído). São todas assim. E volta? Agarram-se às modas da terra e nunca mais as mudam.

- CENA IV -

(Maria do Carmo e Tónio Manuel)

Tónio: (Entrando lado oposto). Que estás para aí a dizer? Sonhas ou deliras?

M. do Carmo: Sonho, António Manuel.

Tónio: Em mim?

M. do Carmo: Não.

Tónio: Então...

M. do Carmo: Naquela história que tantas vezes ouvi em pequena.

Tónio: E que eu gosto sempre de ouvir, cantada por ti porque tem outra expressão.

Cantam:

Era uma vez um pastor
Que andava pelos montados
A cantar canções de amor
Sem canseiras nem cuidados
Ninguém sabia quem era
Esse pastor descuidado
Que lembrava a primavera
Perdida pelo montado.

Um dia viu
A pastorinha
Com a leveza
Duma andorinha
Olhar, sorrir e passar...
E então ficou
Esse pastor,
Enebriado,
Preso de amor
Pela pastora a sonhar!

Não era afinal pastor
O que andava nos montados
A cantar canções de amor
Sem canseiras nem cuidados.
Quem era, afinal, que era
Esse pastor descuidado?
Era um príncipe lendário
Um lindo sonho encantado!

António: A lenda seduz-te, Maria do Carmo...

M. do Carmo: Porque me lembro dos meus tempos de
criança e...

António: Continua...

M. do Carmo: (Enleada). E de ti.

António: De mim? Porquê?

M. do Carmo: Porque há uma certa parecença...

António: Ora. Eu não sou príncipe encantado.

M. do Carmo: Mas ninguém sabe donde vens...

António: Mas sabes quem eu sou.

M. do Carmo: Sei que és sério e trabalhador. Isso me basta, embora os outros...

António: (Completando o pensamento). Digam mal de mim e me atribuam tudo que há de mal cá na terra. Eu sei, Maria do Carmo, eu sei.

M. do Carmo: E não é verdade, pois não António Manuel?

António: Duvidas?

M. do Carmo: Não, porque tu és sério. Ouve-me: deixa de andar de noite por esses descampados e montes.

António: Para quê?

M. do Carmo: Para quebrar a língua a essa gente.

António: Não vês que aproveito as horas para estudar; isto é para mim o maior prazer, a melhor distracção.

M. do Carmo: Tu sabes muito de tudo, Tónio. Para que estudas tanto?

António: Para conseguir saber alguma coisa; por mais que se estude, nunca se atinge tudo, Maria do Carmo. Há sempre lacunas no nosso pensamento, como há lacunas na vida que nunca se preenchem.

M. do Carmo: Eu às vezes não te compreendo. Tu tens estudado muito!...

António: Ora, ora!

M. do Carmo: Ah isso é que tens. Pois eu também fiz a 4.^a classe como tu e não sei dessas coisas. Bons tempos esses, Tónio. Tu não tens saudades da tua escola?

António: Se tenho!

M. do Carmo: Era linda?

António: Pobrezinha, mas alegre.

M. do Carmo: Como a nossa, aqui.

António: Como quase todas as do nosso Minho.

M. do Carmo: Tu és minhoto, Tónio?

António: Sou português, Maria do Carmo.

(Canta):

Sim;
Lembro a escola pequenina
Onde aprendi a escrever.
Onde aprendi a doutrina!
Sim;
Nunca mais posso esquecer
A professora velhinha
Que soube ensinar-me a ler!

Em redor da minha escola
Via sempre a passarada
Pousada nos arvoredos
A escutar a tabuada.
E às janelas as madressilvas
Ouviram tantas lições
Que já sabiam de cór
Os verbos e as conjunções?

Com que saudades eu lembro
A minha pobre sacola,
A minha lousa, os meus livros
E a merenda para a escola!
Quantos erros no ditado
E quantas lições de cór!
— Foi assim que eu aprendi
A ler romances de amor!

(A tempo saem por)

- CENA V -

(Joaquim e depois Engrácia)

Joaquim: (Entra e atravessa a cena até ao lugar por onde saíram Maria do Carmo e Tónio; vai falando;)

Isto é que dá gosto vê-los. Dois conversados que se entendem. E povo só diz mal do Tónio. Não; aqui a voz do povo não é a voz de Deus. É a voz do diabo, a voz do morgado de Martim. Sim, porque o morgado de Martim é que deve ser o culpado de tudo isto. Como não conseguiu convencer a cachopa... Mas é **bem feito**; Martim ficou por **baixo**.

Engrácia: (Que ouviu as últimas frases). Tu que estás para aí a dizer, Joaquim?

Joaquim: São coisas cá comigo. Tu ouviste?

Engrácia: Ouvi, sim. Disseste que o Martim era bem feito, mas era baixo. Mas que Martim é esse?

Joaquim: Ah. Estava a falar do Martim de Freitas.

Engrácia: Não conheço.

Joaquim: Pois não. Tu não sabes História...

Engrácia: Oh Joaquim, olha que o Tónio deu-te volta ao miolo. Dá-te agora para ler de tudo.

Joaquim: Que queres, Engrácia? Nós os sábios...

Engrácia: Tu já és sábio, Joaquim?

Joaquim: Pois já. **Sábio** é o que **sabe**; ora como eu já **sei** muita coisa que o Tónio me tem ensinado, sou **sábio** e ele também.

Engrácia: Ah. Tens razão. (noutro tom) Mas afinal quem é o tal Martim?

Joaquim: Qual? o morgado?

Engrácia: Não, o tal da História.

Joaquim: Ah sim! Era um homem barbudo que andou à pancada com os mouros.

Engrácia: Porquê:

Joaquim: Porque um dia tinham-lhe roubado a chave do castelo, que é como quem diz da casa onde ele vivia.

Engrácia: E depois?

Joaquim: E depois... ele sabia que o rei tinha outra chave escondida no caixão...

Engrácia: Então o rei estava morto?

Joaquim: Parece que sim. Ora o D. Martim, uma noite, foi ao cemitério, saltou as grades, arrombou o caixão de chumbo...

Engrácia: Para o roubar?

Joaquim: Não: nesse tempo o chumbo era barato.

Engrácia: Então?

Joaquim: Para trazer a outra chave e, como sinal de respeito, cortou as barbas, pôs um barão ao pescoço e disse: Senhor rei, como não pude cumprir a minha palavra, esganei-me a mim, à mulher e aos filhos

Engrácia: Ai credo! E depois Joaquim?

Joaquim: Depois o rei puxou pela corda e o Martim lá se foi.

Engrácia: Para o céu?

Joaquim: Qual para o céu! Para o castelo; pois ele já tinha a chave.

Engrácia: Mas então a corda não o esganou?

Joaquim: Esganou; mas... naquele tempo toda a gente ressuscitava. E foi o que lhe sucedeu.

Engrácia: Como isto aflige a gente; até estou a suar.

Joaquim: Também eu. Não admira, tive de puxar pela cabeça para que viesse à inteligência um raio de luz iluminar os meus conhecimentos de história de Portugal.

Engrácia: Ih!! Có a breca! Que tanta coisa para aí disseste!

Joaquim: Tem paciência e vai-te habituando, Ingrácia., Quando nos casarmos, mais terás de aprender porque, enfim, casas com um sábio.

(Canta):

Viver sem um raio de luz,
Andar neste mundo sem norte,
São coisas que fazem cismar,
É vida a caminho da morte!

Engrácia:

Irra! Caramba!
Que coisas bonitas
Irra! Caramba!
Tu sabes dizer
Irra! Caramba!
Eu fico pensando
Onde é — caramba! —
Que as foste aprender.

Joaquim:

Assim é que é
A gente só deve
Pensar até
Na vida a subir...
Eu julgo até
Que é jóio daninho
O desgraçado
Que não se instruir.

Ambos:

Viver sem raio de luz,
Andar no mundo sem norte,
Coisas que fazem cismar,
É vida a caminho da morte!

— CENA VI —

(Os mesmos e Ti Chico; a seguir Maria do Carmo)

Ti Chico: (Entra por) Vocês também passam o tempo agarradinhos um ao outro. É melhor darem o nó quanto antes. O altar de Santa Cristina está à espera.

Joaquim: Lá iremos, Ti Chico, lá iremos.

Ti Chico: Um loiceiro não deixa que o barro envelheça; é preciso depois deitar-lhe mais água e já não se molda tão bem.

Joaquim: Tem razão, Ti Chico. Tu ouviste Ingrácia?
(Ingrácia fica enleada)

Ti Chico: Onde está a Maria do Carmo?

Ingrácia: Foi há pouco para os lados da estrada.

Ti Chico: Vai chamá-la, Ingrácia. Quero falar-lhe.

Ingrácia: Sim, Ti Chico (sai apressada por).

Ti Chico: Ouve lá, Joaquim. Eu fui amigo de teu pai, que Deus tenha em descanso, e posso por isso dar-te os bôz conselhos.

Joaquim: E eu que os oiço, Ti Chico.

Ti Chico: Pois então fica sabendo que tu andas por maus caminhos.

Joaquim: Por maus caminhos?.

- Ti Chico:** Sim: O Tónio meteu-te na cabeça umas mi-nhocas que só podem vir a ser a tua desgraça.
- Joaquim:** Oh Ti Chico; o Tónio só tem procurado que eu me instrua.
- Ti Chico:** Pois aí é que está o mal.
- Joaquim:** Não sei porquê.
- Ti Chico:** Porque aprendes coisas que não são precisas. O loiceiro só tem de saber onde há barro, mas do bom, e aprender a trabalhá-lo. O resto são cantigas.
- Joaquim:** O Ti Chico ainda está preso à tradição da terra. Não quer seguir o progresso.
- Ti Chico:** Qual progresso, qual carapuça! Lá que se saiba ler a gazeta uma vez por semana, vá! Agora andar a ler livros todos os dias.
- Joaquim:** O Ti Chico, como não sabe ler...
- Ti Chico:** E que tem isso? Oiço os outros e menos trabalho tenho. Assim uma gazeta dá para todos.
- Joaquim:** Maneiras de pensar!
- Ti Chico:** Enfim, rapaz; tens de mudar de rumo. Se continuas a ouvir o Tónio, és capaz de ajudar a desgraça da nossa terra.
- Joaquim:** Não sei porquê?
- Ti Chico:** Porque as ideias que ele anda para aí a espalhar só fazem mal à nossa aldeia.

- Joaquim:** Pelo contrário, Ti Chico. Ele o que quer é que todos ganhem a vida o melhor possível.
- Ti Chico:** Cantigas! A loiça de barro tem de ser feita à nossa moda; e tirante nas feiras de Vilar, Barcelos ou Braga, ninguém mais a précura. Isso de a levar para outros sítios é a nossa ruína; todos começam a aprender a fazê-la.
- Joaquim:** Aí é que está o engano! O pensamento de ele é aumentar a produção.
- Ti Chico:** Pois se ela não se vende.
- Joaquim:** Mas espalha-se por toda a parte e cria-se o gosto pelo que é português. E assim há-de vir o tempo em que em todas as casas será um luxo usar a loiça de barro, saída das nossas mãos.
- Ti Chico:** Olha rapaz: tu não me queiras convencer. O Tónio é um desconhecido que apareceu para aí, eu sei lá como, sem eira nem beira.
- Joaquim:** Mas tem ideias.
- Ti Chico:** Isso não basta. É preciso saber trabalhar.
- Joaquim:** E o Tónio não é um grande trabalhador? Não é dos melhores loiceiros cá da terra?
- Ti Chico:** Isso é! (com vaidade). Fui eu que o ensinei; e deu bô conta do recado.
- Joaquim:** Então, Ti Chico, não seja contra ele. Basta já o que p'ra aí dizem quando há qualquer assalto.

Ti Chico: Ah! Jaquim! Olha que ele tem entendimentos com a quadrilha do «Chasco».

Joaquim: Não diga tal, Ti Chico. Isso é pecado.

Ti Chico: Que eu nunca vi nada; os outros é que o dizem.

— CENA VII —

(Os mesmos, Maria do Carmo e Tónio)

M. do Carmo: (entrando com Tónio). O avô quer-me alguma coisa?

Ti Chico: Ah sim; quero. E... ainda bem que vens com o Tónio; porque é preciso... (hesita).

M. do Carmo: É preciso o quê, avô?

Ti Chico: (Enérgico) — Acabemos com os enredos, rapariga. É preciso acabar com esse derriço com o Tónio. E duma vez para sempre. (Maria do Carmo junta-se a Joaquim, chorando durante o resto da cena).

Tónio: Porquê, Ti Chico?

Ti Chico: Porque não me convém, nem a ela. E quem manda sou eu.

Tónio: Mas há-de haver uma razão.

Ti Chico: Não venhas indrominar-me com as tuas prédicas de letrado.

Tónio: Eu nunca indrominei ninguém. Tenho sido sempre sério. Eu mereço a Maria do Carmo.

Ti Chico: Isso parece-te. Ela pode subir mais alto.

Tónio: Com quem, Ti Chico?

Ti Chico: Olha; por tua causa afastou-se o morgado de Martim que é um bom partido.

Tónio: Porque tem dinheiro, mas não sabe o que é trabalhar.

Ti Chico: Mas tem com que viver enquanto tu...

Tónio: Vivo pelo suor do meu rosto.

Ti Chico: Mas não tens um nome. Ninguém sabe de onde vieste.

Tónio: Ah Ti Chico! (Ameaçador). Se fosse mais novo. Qu'importa o nome? O valor está na pessoa.

(Canta:)

(Joaquim e M. do Carmo fazem coro com Tónio, em algumas frases).

Qu'importa quem eu sou
Se toda a gente vê
Que vivo a trabalhar!
Um nome... para quê?
Qu'importa quem eu sou;
Um nome... para quê?
Não vivo do mistério
Vivo do que se vê.

Sou alguém que, neste mundo,
Teve o maldito condão
De saber sentir e amar,
De ter alma e coração.
Sou alguém que neste mundo
Teve o maldito condão
De saber sentir e amar
De ter alma, de ter um coração.

Sou como as ervas rasteiras
Que dão aos campos frescura...
Ervas sem nome, a campina
Nelas encontra a verdura
Não tenho sequer um nome
Nem jamais tive braço.
Deixem cantar quem trabalha
Que o trabalho é uma canção!

(Durante o canto, entram em cena, pouco a pouco, todos os intérpretes e coristas. O Regedor vem acompanhado de dois homens do povo; deixa-os ao fundo e vem colocar-se junto de Tónio, ouvindo a canção).

— CENA VIII —

(Todos os intérpretes, loiceiros e loiceiras)

Tónio: (acabando de cantar. Para Ti Chico) Qu'importa o nome? Qu'importa a família? Qu'importa a riqueza? O valor está no trabalho.

Joaquim: Muito bem, Tónio! (M. do Carmo, entristecida, está junto de Engrácia).

Regedor: Cala-te, se não...

Tónio: (sem ouvir os apartes). Estou muito acima desse morgado, porque as minhas mãos têm calos. (Vai tomando calor pouco a pouco).

Joaquim: Bravo, Tónio!

Tónio: Eu sei o que é suar para ganhar o pão. Não vivo à custa da família. E, se me voltei para a sua neta é porque mereço a Maria do Carmo.

Ti Chico: Isso parece-te.

Tónio: Parece-me, não. Tenho a certeza. E hei-de provar-lhe que não sei mentir. O tempo o dirá.

M. do Regedor: Então, home? Estás embasbacado; não dizes para o Regedor nada. Começa lá.

Regedor: Ora parem lá com o discurso. Isto agora é mais sério do que o que julgam.

M. do Regedor e a do Cabo de ordens:

Muito bem.

Regedor: A nossa aldeia tem sido «desinfeliz». Além da falta de trabalho, anda para aí uma quadrilha de ladrões.

As duas mulheres:

Muito bem. Apoiado.

Joaquim: Apoiado, quê? Então querem que ela continue a andar por aí.

Regedor: Eh Joaquim. Deixa falar quem fala; olha que eu sou o Regedor. Ora, como ia dizendo, além da desinfelicidade e da quadrilha eu recebi ordens de Braga para proceder à «delegença» de saber quem botou o fogo à casa da Ti'Ana do Fetal.

Tónio: Isso é que há-de ser difícil, senhor Regedor.

Mulheres do Regedor e do cabo de ordens:

Ah, isso é ele. Ora oive, ora oive.

Regedor: (Coçando a cabeça e hesitante). E de prender... Sim fazer conduzir em custódia.

M. do Regedor: Quem é a Custódia?

Regedor: Cala-te. Custódia é a cadeia. Ora recebi ordens para prender o Tónio Manuel.

Vozes: (Espanto em todos, menos na mulher do Regedor e na do cabo de ordens). O quê? Não pode ser. Não pode ser!

Regedor: Pode ser, sim senhor. Está aqui o mandado de captura.

Joaquim: (Atirando com o chapéu ao chão, desesperado). Caramba. Se não fosse cá por coisas...

M. do Carmo: Tónio! (António Manuel, a meio, toma nos braços Joaquim e Maria do Carmo; os restantes como comprometidos, ficam cabisbaixos).

Tónio: Então que é isso Maria do Carmo? Eh Joaquim olha que tu és homem!

Joaquim: (Limpando os olhos). Isto é obra do morgado de Martim; acusações falsas.

Tónio: Qu'importa! A verdade há-de surgir. E eu voltarei, Maria do Carmo! Ouves, Joaquim? Olha que eu voltarei. Senhor Regedor, às suas ordens!

(Regedor leva-o até junto dos dois homens do povo que o metem no meio e com um certo ar de autoridade saiem por uma lateral do fundo. Imediatamente começa o coral final.

Num grupo: Joaquim, Maria do Carmo e Engrácia).

PANO LENTO

2.º ACTO

Cenário

Ar livre, minhoto

ou

Largo arvorizado, com fundo minhoto. Lateralmente, casa simples com janela e porta praticáveis; junto da janela um banco rústico. Embandeiramento rústico.

Domingo de festa; sol intenso.

- CENA I -

(Engrácia, mulher do Regedor, mulher do cabo de ordens, loiceiros e loiceiros)

(Cantam enquanto trabalham na ornamentação do Largo)

É feliz a nossa aldeia
Por ter onde trabalhar;
Já não temos quadrilheiros
Pelas noites de luar.
O «Chasco» foi-se de vez
Para não voltar jamais...
Agora já nós passamos
Sem medo nos pinheirais.

Havia entre nós
Um profundo horror
Por tantos assaltos
Desse malfeitor

Chasco! Chasco! Chasco!
Horror de toda gente
Do povoado
Chasco! Chasco! Chasco!
Fantasma e quadrilheiro
No passado.
Já não temos mais horror
Desse grande malfeitor.

- CENA II -

(Os mesmos e Maria do Carmo)

M. do Carmo: (que entrou a tempo de ouvir a parte final do canto). Bem fôra que arranjásseis outra canção. O respeito fica bem a toda a gente.

M. Regedor: Olha a melindrosa!

M. do cabo de ordens

Eu bem sei onde te doi!

M. do Carmo: Toda a gente o sabe; e não o nego. Mas era melhor deixarem de falar no António Manuel.

M. do cabo de ordens::

Nós não falamos nêle; não lhe damos essa honra.

M. do Carmo: A piada do «Chasco», eu bem sei o que quer dizer.

M. Regedor: Pois se sabes, hás-de ouvi-la muitas vezes.

M. do Carmo: Até ao dia em que o Tónio voltar.

M. Regedor: (risos). Estás arranjada, rapariga. A estas horas está muito longe d'aqui, talvez degredado.

M. do Carmo: E ele não é um criminoso.

M. Regedor: Isso agora é lá com a justiça e não contigo. Olha: o melhor é arranjares outro conversado, se houver alguém que te queira.

M. do Carmo: O meu conversado é o António Manuel.

M. Regedor: Então ficas para tia.

M. do cabo de ordens:

A não ser que o morgado de Martim...

Engrácia: (enérgica). Basta! Só têm coragem de atacar de costas. (vão saindo, pouco a pouco).

M. Regedor: Se ele estivesse aqui, havias de ver como lhe escupia na cara todas estas verdades.

M. do Carmo: É fácil de dizer...

M. Regedor: De dizer e de fazer. A questão é que ele não está.

M. do Carmo: Pois é! (nesta altura só se encontram em cena Maria do Carmo, Engrácia, mulher do Regedor e mulher do cabo de ordens)

Mulher do cabo de ordens:

Olha, rapariga: a verdade é que, desde que ele foi preso, a quadrilha não voltou a aparecer.

M. Regedor: Isso é que não se pode negar. E, ainda por cima, parece que passou uma onda de bô sorte cá pela terra. Temos trabalho garantido.

M. do Carmo: Segundo as ideias do António Manuel. Era assim que ele queria.

Engrácia: Isso é verdade. Era assim que ele pensava.

M. Regedor: Ora, ora! Isso são lérias que para aí dizem agora. Ele sabia lá alguma coisa de empresas de loiçaria.
(Mulher do Regedor e mulher do cabo de ordens saiem pela porta da casa lateral)

M. do Carmo: A vossa má língua emperra sempre diante da verdade. O Tónio é que teve a ideia, embora vos custe.

M. Regedor: (Chegando à janela lateral) Basófras, basófras! Olha, rapariga: vê lá se arranjas outro conversado para te passar a dôr!

- CENA III -

(Engrácia e Maria do Carmo)

M. do Carmo: (Entristecida) Ele há-de voltar, assim mo prometeu.

Engrácia: Oxalá, Maria do Carmo! Todos os dias peço a Deus a vinda do Tónio Manuel. E olha que o Joaquim não me fica atrás!

M. do Carmo: É um bom amigo, coitado!

Engrácia: Ah isso é!

M. do Carmo: (significativa) Tu és feliz, Engrácia. É um bom rapaz e tão trabalhador.

Engrácia: E tu também hás-de ser feliz. O tempo o dirá.
(sai por E. F.)

M. do Carmo: (medita, senta-se no banco junto da janela e canta)

Sim;

Lembra a escola pequenina

Onde aprendeu a escrever

Onde aprendeu a doutrina!

Sim;

Nunca mais pôde esquecer

A professora velhinha

Que soube ensiná-lo a ler!

Em redor da sua escola

Via sempre a passarada

Pousada nos arvoredos

A escutar a tabuada.

E à janela as madressilvas

Ouviram tantas lições

Que já sabiam de cór

Os verbos e as conjunções.

Com que saudades lembrava
A sua pobre sacola,
A sua lousa, os seus livros
E a merenda para a escola!

Quantos erros no ditado
E quantas lições de cór!
Foi assim que ele aprendeu
A ler romances de amor!

(Sai pelo lado oposto à casa).

- CENA IV -

(Ti Chico e Regedor)

Regedor: (entrando por porta lateral) Pois é verdade
Ti Chico.
Eu até fiquei embasbacado!

Ti Chico: E o caso não é para menos. Quem havia de
dizer!

Regedor: Eu até sou capaz de não contar isto a ninguém.
Que lhe parece Ti Chico?

Ti Chico: Acho que sim. O pior é se a tua mulher sabe.
Segredo na língua dela é como manteiga em
focinho de cão.

Regedor: Isso é verdade. Ela e a mulher do cabo de ordens
são uma parelha de truz!

Ti Chico: Olha lá, oh Rigidor: e o Tónio Manuel?

Regedor: Coitado; sofreu sem culpa!

Ti Chico: Onde estará ele?

Regedor: Eu sei lá. Degredado, em qualquer dessas
prisões.

- Ti Chico:** Eu até sinto remorsos.
- Regedor:** Mais sinto eu que o prendi.
- Ti Chico:** Mas foi porque te mandaram. Agora eu... deixei-me levar pelos murmúrios da terra.
- Regedor:** E a cachopa?
- Ti Chico:** A Maria do Carmo? Bem dizia ela que o Tónio era um bom rapaz. Eu até nem sei como hei-de aparecer diante da rapariga, quando ela souber a verdade!
- Regedor:** E o Ti Chico a querer que ela fosse a conversada do tal morgado...
- Ti Chico:** Nem me fales em tal. Até acho melhor acabarmos com a conversa, que nos podem ouvir.
- Regedor:** É melhor, é. (noutro tom) O que vale é que uma tristeza trás sempre uma alegria. E hoje é dia de festa rija.
- Ti Chico:** Como há muitos anos não se faz cá na terra. (com intenção) Eu sou da comixão...
- Regedor:** E o caso não é para menos! Olhe Ti Chico, que estamos em maré de bô sorte. Temos o trabalho garantido para sempre.
- Ti Chico:** Graças a bôs ideias que vieram até nós trazer-nos trabalho e pão. Que eu não sei bem como as coisas se passaram. Tu é que andaste metido nos casos...
- Regedor:** O rigidor é obrigado a tudo.
- Ti Chico:** Deveres do ofício! Mas ao menos podes-te gabar que ajudaste a empresa.

- Regedor:** Isso é verdade. Perdi muitos dias. Primeiro na pesquisa dos terrenos com bô barro, em Nanhente. Depois na compra de terras e, ainda por cima, na arrecadação, desde a primeira pedra, até acabar a construção.
- Ti Chico:** Mas afinal não se muda a nossa maneira de trabalhar.
- Regedor:** Nada de isso; cada um continua a fabricar a loiça à sua moda. A empresa compra as peças que cada um fabricar e procede à sua venda. É ela que indica quais se vendem melhor, para que o fabrico dessas aumente. Nunca mais, pára o trabalho.
- Ti Chico:** E para que são tantos maquinismos?
- Regedor:** Para tirar o barro da parte mais funda da terra; outros são moldes mais fáceis de manejar. E é por isso que vem para cá o engenheiro.
- Ti Chico:** Até dizem que o homem tráz ordens para fazer bairros para os loiceiros...
- Regedor:** E muitas coisas mais Ti Chico!
- Ti Chico:** Olha lá, oh Rigidor: essas coisas fazem lembrar as indróminas do Tónio Manuel.
- Regedor:** Quais indrominas! Verdades. Nós é que não as entendíamos.
- Ti Chico:** Cada vez me sinto mais arrependido.
- Regedor:** Até eu. Mas que havemos de fazer? Deus nos perdoe.
- Ti Chico:** Vamos mas é tratar da festa. (Preparam-se para sair)

Regedor: Tudo está em ordem, Ti Chico. O «Ingenheiro» há-de ficar embasbacado com a espera que que lhe vão fazer. Os moços estão animados.

(Saem por uma porta lateral)

- C E N A V -

(Mulher do Regedor, mulher do cabo de ordens e Engrácia)

Engrácia: (Entra por E. F. apressada; dirige-se à janela da casa)

Oh tia, tia! (agitada) Oh sôra rigidora. (gritando desesperada) Oh sôra rigidora!... Oh tia!...

M. Regedor: (assomando à porta, enquanto a mulher do cabo de ordens aparece à janela)

Que é lá isso, moça? Que te mordeu?

Engrácia: Eu ainda não estou em mim! Ora imaginem que a quadrilha do Chasco...

M. do cabo de ordens:

(já no palco) Apareceu-te?

Engrácia: Não, P'ra longe vá o agoiro...

M. Regedor: Então? Fala, rapariga!

Engrácia: É muito pior. O Chasco...

M. cabo de ordens:

Era o Tónio?

Engrácia: Qual Tónio? O Tónio é um bom rapaz.

M. Regedor: Sim, sim! O Jaquim já te ensinou esse discurso. Tu dantes pensavas doutra forma.

Engrácia: Mas agora acredito. O Tónio não é mau.

M. do cabo de ordens:

Afinal não dizes o que te aconteceu com o Chasco.

Engrácia: Pois não me deixam falar!

M. do cabo de ordens:

Fala moça. Sossega.

Engrácia: O «Chasco» não era o «Chasco».

M. Regedor: Homessa, agora! Não percebo nada.

M. do cabo de ordens:

Deixa falar.

Engrácia: O Chasco afinal foi preso.

M. Regedor: Pois foi; era o Tónio.

Engrácia: Qual Tónio? Já lhe disse que não.

M. do cabo de ordens:

Então quem foi preso?

Engrácia: O morgado de Martim.

M. Regedor: O quê? O Morgado?

Engrácia: Sim; prenderam-no em Braga. Era o chefe da quadrilha.

M. Regedor: Ai que se me quebram as pernas! (Senta-se num banco, desmaiando)

M. do cabo de ordens:

Ai que não sei onde estou! desmaia nos braços de Engrácia)

Engrácia: Valha-me Deus mai-la notícia. E ninguém acode. Acudam! Acudam! (gritando) Oh Joaquim! Joaquim!

- CENA VI -

(As mesmas e Joaquim)

Joaquim: (entrando a correr por) Que sucedeu, Engrácia?

Engrácia: As más línguas desmaiaram.

Joaquim: Contaste-lhes tudo?

Engrácia: contei.

Joaquim: Espera lá que eu acordo-as. (Entra na casa e traz uma caneca com água e um pano)

Engrácia: (Enquanto o Joaquim não chega com a água). Ora a minha vida! Esta pesa «como burro»! (Olhando para o banco) Vá lá que se fosse aquela era pior.

Joaquim: (Batendo com o pano que, já em cena, molha na caneca)
Água nas ventas nunca fez mal à má língua.

Engrácia: Isso é verdade, Joaquim. (A mulher do cabo de ordens começa acordar cómicamente e pronunciando monossílabos interjeicionais).

Joaquim: (dirige-se para a mulher do Regedor, para espargir com água) Eu te abenção, para que mudes de feitio. Anda; acorda sapo sujo! (Mulher do Regedor acorda da mesma forma que a mulher do cabo de ordens)

M. do Regedor e M. do cabo de ordens:

(ambas com aspecto de terror, alternadamente dizem) A quadrilha! O morgado! O Tónio! Os assaltos! O Chasco! Ai! Ai! Acudam! Acudam!

Joaquim: (imperativo) Então que é isso? Vamos; quarteto em forma! Quem manda sou eu! (Todos obedecem e põem-se em ordem. Cantam)

M. do cabo de ordens: A mulher do cabo de ordens

M. do Regedor: Eu cá sou a rigidora

Joaquim: O Joaquim da loiça grossa

Engrácia: Mai-la a Ingrácia tintadora.

Pó! Pó! Pó! etc.

M. do Regedor:

Sou mulher do rigidor

Sei riger calquer funçon

Mostro logo o meu valor

Cum a vatuta na mon.

Pó! Pó! Pó! etc.

M. do cabo de ordens: Sou mulher do cabo de ordens

Dou ordens com certo geito

E se há desordes nas ordens

Eu ponho tudo im respeito!

Pó! Pó! Pó! etc.

Joaquim:

P'ra fazer loiça de barro

Eu cá tenho certa mossã

Não toco na loiça fina

Toco só na loiça grossa.

Pó! Pó! Pó! etc.

Engrácia:

Eu cá de tanto tinter

A loiça por dentro e fora

Sei tocar bem no pincel

Por isso sou tintadora

Pó! Pó! Pó! etc.

Engrácia: Deus te ouça. (noutro tom) Tu é que devias ser da comixão. Pois tu é que sabes mais cá na terra.

Todos (os 4): Eis um «corteto» de fama
Para assombrar toda a gente;
Toca assintado ou de pé
Toca de traz ou de frente!
Pó! Pó! Pó! etc.

(A tempo, a mulher do Regedor e a mulher do cabo de ordens saiem pela porta)

- CENA VII -

(Engrácia, Joaquim e loiceiras e loiceiros, aos poucos)

(Durante esta cena, conforme a conveniência de número e de formação, os loiceiros e loiceiras vão continuar a ambandeirar o recinto, sem atenderem à conversa. Apenas atendem, quando houver número cantado. A tempo, colocam em local que dê na vista um dístico com a seguinte inscrição:

«BIVA O SINHOR INGINHEIRO
MAI-LA SUA INJINHARIA!»

Joaquim: Ficaram de cara à banda?

Engrácia: Se tu visses, Jaquim!

Joaquim: E então logo, quando eu fizer o meu discurso.

Engrácia: Então falas nelas?

Joaquim: Não. Mas atiro-me para cima de quem dizia mal do Tónio.

Engrácia: Força, Jaquim!

Joaquim: Até o engenheiro há-de ficar admirado e há-de querer saber quem é o Tónio. Então contarei tudo. E hás-de ver que ele há-de voltar.

Joaquim: (com vaidade) É para veres quanto vale o estudo!

Engrácia: És o nosso sábio; sabes de tudo.

Joaquim: Como o Tónio, Engrácia. como o Tónio!
(Canta)

Já sei coisas a valer
Desde que tenho estudado
Sei dividir e somar,
Sei fazer cópia e ditado.
Sei também que o D. Dinis
Fez de Camões General
P'ra descobrir o Brasil
Com ajuda do Cabral...
E D. Dinis ao saber
Que o Brasil foi conquistado,
Cantou na côrte estes versos
E dançou entusiasmado.

(Engrácia que tem estado boquiaberta dança com Joaquim)

Oh meu Camões adorado
Oh meu Cabral,
Com esse gesto afamado
Sinto afinal
Que a nossa história tão fixe,
De encantos mil,
Introduziu o maxixe
Em terras do Brasil.
Nas selvas desconhecidas
O Jacaré,
Ao ver Camões guerreiro,
Bateu-lhe o pé;
O pobre bicho, coitado,
Deu-lhe um trambolho
E ele, ao fugir apressado,
- Pimba! — cegou dum olho!

- Engrácia:** Isso é que é saber, Joaquim!
- Joaquim:** Ainda preciso de uns retoques!
- Engrácia:** P'ra quê?
- Joaquim:** Porque isto no sótão anda muito desarrumado.
- Engrácia:** Não percebo.
- Joaquim:** Olha, Engrácia. Para se fazer a loiça é precisa uma certa ordem: escolher o barro, amassá-lo e moldá-lo; depois pintar e vidrar e finalmente levá-lo ao forno, para a cosedura. E a loiça sai perfeita! Não é assim?
- Engrácia:** Ah, isso é!
- Joaquim:** Pois para se saberem estas coisas é também precisa uma certa ordem que eu ainda desconheço. Falta-me o Tónio.
- Engrácia:** Mas tu sabes tanta coisa de história!
- Joaquim:** Muito em desordem. Olha por exemplo: eu desconfio que o D. Dinis nunca conheceu o Camões.
- Engrácia:** Ai não?
- Joaquim:** Não. Parece-me que viviam muito distantes.
- Engrácia:** (com admiração) Ah...

- CENA VIII -

(Os mesmos, Ti Chico e Regedor)

- Regedor:** (assomando à porta com Ti Chico) Deixa-te de espantações, Ingrácia! Vamos a trabalhar.
- Engrácia:** Já sabem a nova?

- Regedor:** Qual nova?
- Engrácia:** A do morgado de Martim.
- Ti Chico:** Ora deixa-te de conversas. Não há tempo a perder. A festa vai começar.
- Joaquim:** Já? Onde está o discurso? (procura nos bolsos um papel, atabalhoadamente; depois passa o tempo a fingir que o lê, acompanhando com gestos largos)
- Regedor:** Sim; o sôr ingénieur não deve tardar. Eu cá, como sou da comixão de espera, vou para a estrada esperá-lo.
- Ti Chico:** Vai, vai. Eu cá fico a pôr isto em ordem... (Regedor sai pelo fundo ou lateral fundo)
- Engrácia:** (completando) Com a ajuda do Joaquim que não é da comixão.
- Ti Chico:** Olha que grande coisa! Mas faz o discurso.
- Engrácia:** Faça-o vocemecê, Ti Chico.
- Ti Chico:** Ora tu a queres discutir com o chefe da «comixão».
- Trata de trabalhar e dá ao demónio o que sabes.
- Engrácia:** Lá calar, não me calo. O Joaquim faz o discurso, o Joaquim ensaia as danças, o Joaquim ensina a cantar, o Joaquim trata de tudo e a comixão...
- Joaquim:** (deixando de ler e atalhando) E a comixão é que manda.
- Ti Chico:** Pois já se vê! A Comixão é que manda. E tanto assim é que a gente quando se coça é porque a comixão manda coçar. Mas diz lá Joaquim: está tudo em ordem?

Joaquim: Tudo ensaiado e a postos. Só ainda não vi se a **Talha** e a **Malga** estão devidamente preperadas.

Ti Chico: Homessa! Porquê?

Joaquim: Porque não apareceram ao ensaio geral. Como são as autoridades, não se querem misturar com a outra loiça.

Ti Chico: Espera lá. (Vai à janela e diz gritando) Então, oh rigidora? Traz lá essa **malga** e vem ao ensaio.

- CENA IX -

(Joaquim, Engrácia, Ti Chico, loiceiros e loiceiras, mulher do Regedor e mulher do cabo de ordens)

M. Regedor: (à porta com a mulher do cabo de ordens) Pronto.

Engrácia: (Em àparte) Oxalá que não desmaiem.

Joaquim: Ora vamos a fazer isso direitinho, para não ter de molhar a loiça.

M. Regedor: Que queres dizer com isso?

Joaquim: Ora, ora! Quando o barro não está bem a gente molha-o com um pano encharcado.

M. Regedor: (Compreendendo a insinuação) Não é preciso porque a **talha** tem sempre água.

M. cabo de ordens:

E a **malga** também.

Joaquim: Ainda bem. Mas não percam a côr. Ora vamos lá a isso. Uma, duas, três. (Ambas cantam e Joaquim rege cómicamente)

M. cabo de ordens:	Eu sou a malga delicada	
M. do Regedor:	Eu sou a talha rubicunda	
M. cabo de ordens:	Tengo magresa mas finura	
M. do Regedor:	Em mim até o barro abunda.	
M. cabo de ordens:	Senhora talha	} Bis
M. do Regedor:	Senhora malga	
M. cabo de ordens:	Mas que gordura	
M. do Regedor:	Mas que farripas	
M. cabo de ordens:	Apre! Que grande barrigada!	
M. do Regedor:	Irra! Que pau de virar tripas!	
M. cabo de ordens:	Sou elegante E sou bonita, Malga de barro É bem catita	
M. do Regedor:	Sou reboluda, Sou anafada, Talha de barro Avermelhada.	

(Todos aplaudem)

- C E N A X -

(Os mesmos da cena IX e Maria do Carmo)

Ti Chico: (Ao vê-la) Anda cá, cachopa! Então já sabes que o morgado...

M. do Carmo (Atalhando) Já sei tudo, meu avô!

Ti Chico: Ainda bem.

M. do Carmo: Mas o Tónio Manuel é que está a sofrer injustamente.

Ti Chico: Deus lhe perdoará

M. do Carmo: Já que os homens o condenaram.

Ti Chico: Olha que eu tive sempre bô opinião do Tónio.

M. do Carmo: Eu sei; eu sei.

M. do Regedor: E nós também (aponta a mulher do cabo de ordens). Tu deves «acuarditar-nos».

M. do Carmo: Pois então não acredito. (Com intenção) Quem não tinha boa opinião e dizia mal do Tónio era o Joaquim.

M. cabo de ordens:

Isto foi piada, não achas? (Para a mulher do regedor)

Joaquim: (Para ambas) Vejam lá se desmaiam. Eu vou buscar o encharcado.

Engrácia: (Que tem estado ao fundo. Olhando para a lateral) Oh gentes, a postos. Oh Jaquim, aí vem a comitiva!

Ti Chico: Oh Jaquim, dá as tuas ordens.

Joaquim: Vamos lá a isso. Ponham-se em fileiras. Assim. (Todos em fileira. Maria do Carmo está à frente, junto de Joaquim. Engrácia junto da mulher do Regedor e da mulher do cabo de ordens)

Uma, duas, três.

Todos: (Cantam)

Abram alas com esmero,
Abram fileiras com geito;
Tirai, moços, o chapéu
Mas tirai-o com respeito.

Haja sorrisos nos lábios
Das nossas moças brejeiras;
Haja alegria entre nós
Como nos dias das feiras!

Viva a nossa linda aldeia
Cheia de luz e de alegria!
Viva o senhor engenheiro
Mai-la sua engenharia!

Deixem passar quem merece
O nosso maior respeito,
Abram alas com esmero
Abram fileiras com geito!

- CENA XI -

(Os da cena anterior e Tónio Manuel e Regedor)

(Tónio Manuel entra seguido do Regedor; todos ficam estupefactos dizendo ah!... Ao mesmo tempo que)

M. do Carmo: (grita) Tónio!...

(A música volta a ouvir-se suavemente; as duas primeiras quadras voltam a ser cantadas por loiceiros, em murmúrio, enquanto se passa a conversa que se segue. Tónio Manuel dirige-se para a frente e toma nos braços Joaquim e Maria do Carmo como no final do 1.º acto)

M. Regedor: Ai que se me quebram as pernas! (Desmaia sobre um loiceiro que a segura)

M. cabo de ordens:

Ai que não sei onde estou! (Desmaia da mesma forma. Engrácia vai buscar a caneca e o pano e borrifas cómicamente. Entretanto)

- Tónio Manuel:** (Para ambos os que abraça) Eu disse que voltava, Maria do Carmo! Não é verdade, Joaquim? (Vendo-o a limpar os olhos) Então que homem és tu?
- Joaquim:** Eu sei lá, Tónio!
- Tónio Manuel:** Tu não falas, Maria do Carmo?
- M. do Carmo:** A alegria não tem palavras, Tónio.
- Tónio Manuel:** Então estás contente?
- M. do Carmo:** Ainda o perguntas?!
- Tónio Manuel:** Queria ouvir isso da tia boca.
- M. do Carmo:** Olha, sabes? Estás vingado! O morgado de Martim...
- Tónio Manuel:** Eu sei tudo, Maria do Carmo. (A música já tem acabado).
- Ti Chico:** Então Joaquim? o discurso?
- Regedor:** O discurso, sim. Vamos lá a isso, em nome da comixão.
- Joaquim:** Mas o discurso é para o engenheiro.
- Regedor:** E tens diante de ti o senhor engenheiro António Manuel de Menezes.
- Joaquim:** (esfregando os olhos) Então tu... Então vossa senhoria... Caramba, que estou irrascado.
- M. do Carmo:** Tu és o engenheiro? (Com espanto)
- Tónio Manuel:** Há já alguns anos, Maria do Carmo.
- M. do Carmo:** Mas então...
- Tónio Manuel:** Então o quê?
- M. do Carmo:** Eu não te mereço.
- Tónio Manuel:** Cala-te. Eu sou sempre o Tónio Manuel, para ti e para o Joaquim.
- Joaquim:** Vossa senhoria compreende...

Tónio Manuel: Deixa-te de senhorias. Já te disse que sou o mesmo Tónio que aqui trabalhou para aprender, bem de perto, a olaria do Minho.

Joaquim: Olha, eu tinha um discurso para dizer, mas não. Em vez dele, vamos à festa. As cantigas são o melhor discurso porque saiem da boca de todos. Vamos lá a isso.

A «Loiceirinha». Uma, duas, três.

(Loiceiras dançam, cantando)

Um loiceiro:	(canta)	Loiceirinha delicada, Porque motivo bizarro, Tens a face avermelhada Da côr da loiça de barro?	} bis
---------------------	---------	---	-------

Uma loiceira:	Perguntas porque razão Eu tenho a face córada: Tenho vergonha e tu não, És como a loiça quebrada.	} bis
----------------------	--	-------

Um loiceiro:	Hei-de te vidrar o rosto Para não perderes a côr... Hás-de ficar a meu gosto E assim terás mais valor.	} bis
---------------------	---	-------

Uma loiceira:	Fico a teu gosto? Ora vê-de Que atrevido toleirão Deitas o barro à parede Mas não cola; cai no chão!	} bis
----------------------	---	-------

Todos:	Dizes sim, eu digo não, Sinal de pouca ventura: Loiça que faça questão É loiça de pouca dura!	} bis
---------------	--	-------

(Durante a dança o palco vai-se descongestionando; ficam apenas os personagens necessários. Quase no final tudo vai voltando à cena)

- Tónio:** (Aplaudindo) Bom conceito, Joaquim, bom conceito! «Loiça que faça questão é loiça de pouca dura!»
- Joaquim:** Isso é cá ideia minha,
- Tónio:** E bem feliz. Oxalá que seja a divisa desta linda terra.
- Joaquim:** Tem de ser, Tónio. Todos unidos, todos amigos.
- Tónio:** Como uma só família. (Noutro tom, para Maria do Carmo)
Em que pensas, Maria do Carmo?
- M. do Carmo:** Em todo este romance, tão semelhante à história que me ensinaram em pequena.
- Tónio:** Quer dizer: eu sou o pastor
- M. do Carmo:** O príncipe encantado.
- Tónio:** (Ao ver Ti Chico meditabundo) Eh Ti Chico?! Não fala? Ainda tem medo do Tónio?
- Ti Chico:** (Aproximando-se de chapéu na mão) O senhor engenheiro perdõe-me. A culpa foi das más línguas que andavam para aí a murmurar.
- Joaquim:** Mas apanharam com um encharcado. (áparte)
- Ti Chico:** Ainda bem que tudo se desfez. E não me leve a mal, mas eu sou amigo da minha neta e por isso a defendia.
- Tónio:** Então já não está zangado comigo nem com a Maria do Carmo?

Ti Chico: Estou zangado só comigo mesmo, por ter sido tão injusto.

Tónio: Esqueçamos tudo e... vida nova!

Joaquim: Como tudo mudou em pouco tempo, Tónio Manuel.

Tónio: Sim, mudou. Consegui acabar com a quadilha e com o morgado que a chefiava.

Joaquim: Então foste tu? Como conseguiste descobrir?

Tónio: Nas noites que por aí andei, como vagabundo fingido.

Quando ele desconfiou, tratou de me acusar, para se livrar de mim. Não sabia quem eu era; liquidou-se pelas suas próprias mãos.

Joaquim: Bem feita. E agora...

Tónio: E agora nesta terra só quero que haja trabalho, pão para todos, justiça e respeito mútuos. A ninguém faltará o preciso. A olaria, bem orientada, há-de ser dentro de pouco tempo a riqueza desta aldeia e talvez da região.

M. do Carmo: Porque fazes isto?

Tónio: Hoje, por ti e por um sonho de ontem.

M. do Carmo: Um sonho?

Tónio: Sim. O sonho de querer engrandecer uma indústria tão portuguesa e tão desprezada. O sonho de querer ser útil à minha terra, praticando o bem geral.

Joaquim: Isto é que é falar, Ingrácia.!

Tónio: (canta)

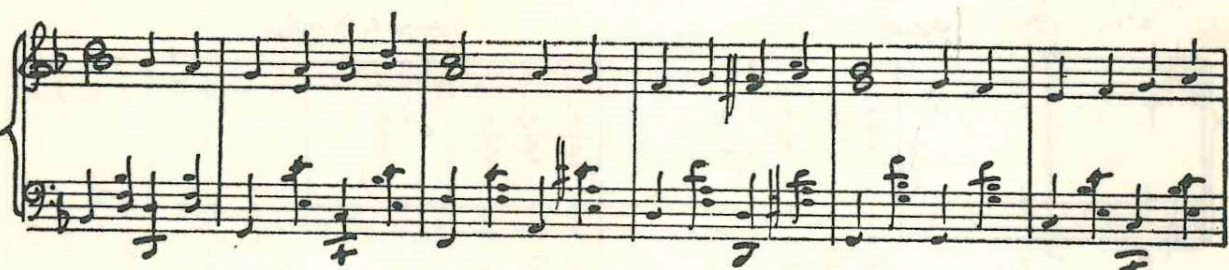
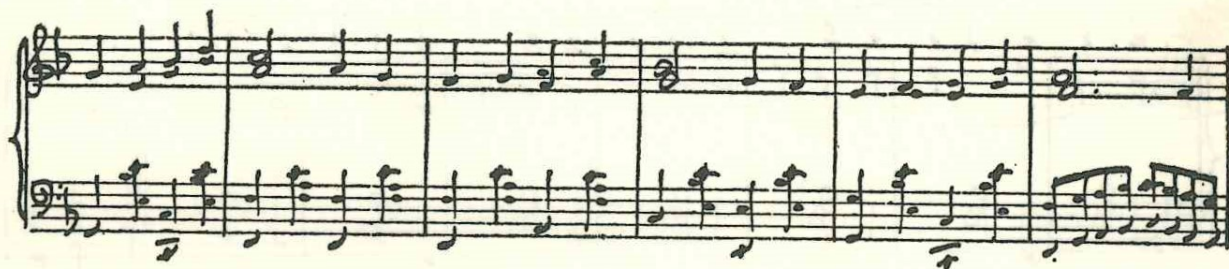
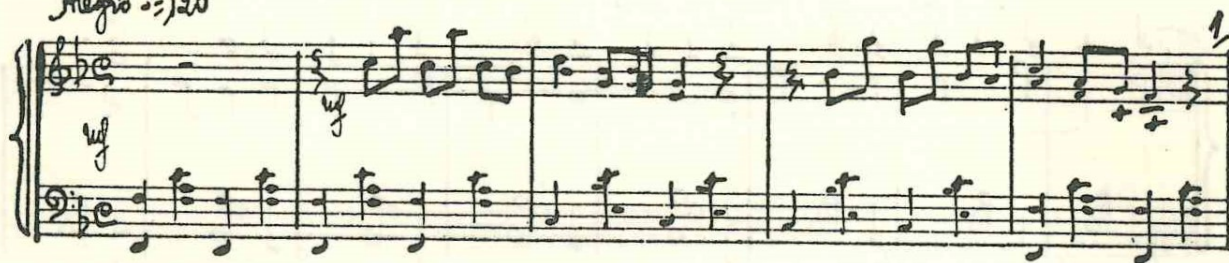
Andamos toda a vida a ver se conseguimos
Atingir um desejo, um sonho, um pensamento...
Ninguém sabe entender aquilo que sentimos
Ao ver que esse desejo atinge o desalento.
Se temos alma forte, esguemos novamente
A vida a novo anseio à força de vontade
Hesitar, para que? O futuro é presente;
Havemos de vencer o fogo d'ansiedade!

Quem não tiver na vida um pensamento,
Um sonho a perfumar a própria vida,
Não sabe avaliar o sofrimento;
É vida morta, é folha ressequida!
— Para a frente. É o caminho de quem sonha.
— Para a frente. É a divisa de quem ama.
Quero ver o meu sonho a divagar
Ao calor duma ideia que se inflama!

(Segue-se o «Coro final» — Algumas frases do qual serão cantadas só por António Manuel e Maria do Carmo)

PANO RÁPIDO

Allegro 1/20 *Abertura*



Handwritten musical notation for the first system, featuring a treble and bass staff with various notes and rests.

Handwritten musical notation for the second system, continuing the melody and accompaniment.

Handwritten musical notation for the third system, showing a continuation of the musical piece.

Handwritten musical notation for the fourth system, including tempo markings "Allegro", "Andante", and "Tempo di Marcia".

Handwritten musical notation for the fifth system, featuring a "rit." (ritardando) marking.

Handwritten musical notation for the sixth system, concluding the piece with a "mol." (molto) marking.

Allegro

3

Handwritten musical score for the first system. The right hand (treble clef) contains a melody with eighth and sixteenth notes. The left hand (bass clef) contains a bass line with chords and single notes. The tempo marking *rit* (ritardando) is written above the first measure, and *al tempo* is written above the second measure.

Handwritten musical score for the second system. The right hand continues the melody. The left hand continues the bass line. A *rit* marking is present at the beginning of the system.

Handwritten musical score for the third system. The right hand continues the melody. The left hand continues the bass line. A *f* (forte) marking is present at the beginning of the system.

Handwritten musical score for the fourth system. The right hand continues the melody. The left hand continues the bass line. The lyrics "cus - - - sem - -" are written below the right hand.

Handwritten musical score for the fifth system. The right hand continues the melody. The left hand continues the bass line. The lyrics "lo cu a ho co" are written below the right hand.

Quartetto ♩ = 60

Handwritten musical score for the sixth system, marked *Quartetto*. The right hand contains a melody. The left hand contains a complex bass line with many sixteenth notes. The tempo marking ♩ = 60 is written above the first measure.

Handwritten musical score for piano, consisting of six systems of staves. The notation includes treble and bass clefs, key signatures, and various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

The score is written in a single system across six systems of staves. The notation includes treble and bass clefs, key signatures, and various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

Key markings and lyrics visible in the score include:

- mae mae* (first system, first staff)
- alento* (first system, second staff)
- cre* (first system, third staff)
- Seeu - -* (first system, fourth staff)
- f* (second system, first staff)
- di* (second system, second staff)
- f* (third system, first staff)
- f* (third system, second staff)

The score concludes with a final system of staves, featuring a double bar line and a fermata.

N.º 1 - Coro e Maria do Carmo

Andretto

5

f

Coro

Nos mais p lindos re- en- tos da al- deia en- tre o ca- lor da 1ª e o sol do dia a

Som- bras da noi- te na al- deia pas- sam pe- los ca- sais lembran- do o mar pe-

dia Passam re- zas à ho- ra da ceia Vivem sonhos de a- mor e ma- gia Nes- te

- nas das can- ções cal- do e o pre- si- go da ceia Ven- um efê- ro a fa- gulha quei- ma Nes- te

Minho- ã de tu- do é Se- licia En- tre Ti- bães sau- sos e a consa- bem lem- bran- ça As mo-

Minho- ã de tu- do é be- leza En- tre Ti- bães va- lus- ta e a consa- bem a- ma- da As ca-

- coi- las com gran- de pe- ricia Fazem loi- ça de barro vi- sra - : da

- oço- pas com gran- de des- treza Fazem loi- ça de barro vi- sra - sa.

Maria do Carmo

Li! quem me de - ra Ter sem - pre a Vi - são b

Daum gran - de a - mor de es -

- tra - - nha pai - xão **Côro:** Em qual - quer es - con -

Si - so nin - ção To - mado bar - ro ver - melho as for - mas ca - pri -

- zar pe - la sorte dos que sa - bem so - frer com fran - ca ga - lhar -

- chos as Que as uo - l - las gar - ni - das he dão co - mo som - bras de a -

- da Pelos que an - dam ao la - do da mor - te e por quem so - bre o

- mor bem for - mo - - sas

mar não tem guia Quando as

Fim. *do C. de Fim*

№ 2 - Умдвог

Allegretto nas al - dei-as do Minho bi - gar - dins em todo o lu - gar -- Men - si - 7

mf

mar o ca-minho da quem sa-be sen-tir o so-ufre de quem sa-be-d-mar

Ne - les Vem namo-rados dar en-sejo - de-ver-sar de a-mor. — Quantas

al-mas-he-wa-da-ya-ro-ra-pa-mou-re-ro-jr-ra-sim a-mai-nar su-a dor — Outro
Vor: Eusei

lá-se de vir algum di - a honcon-tar num ceu zeiro o meu nor - te! Nas con-

a fret- e cre - seu - do

-ver-sas de a mor-quên-ti. Ver O-xa-lá Deus me dê bo-a sorte Nascon-ver-sas de a

Handwritten musical score for the song "O-xa-lá Deus me dê bo-a sorte". The score is written on two staves. The top staff is the vocal line, and the bottom staff is the piano accompaniment. The key signature is one sharp (F#), and the time signature is 2/4. The lyrics are written above the vocal line. The piano part features a rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes, with a section marked "rit" (ritardando) and "lento a poco" (rhythm slowing down a little).

[illegible]

Handwritten musical score for "C'est le printemps" by J. Massenet. The score is for voice and piano. The voice part is in G major, 4/4 time, and the piano part is in G major, 4/4 time. The lyrics are "C'est le printemps, c'est le printemps, c'est le printemps, c'est le printemps." The score is written on two staves. The voice staff has a treble clef and the piano staff has a bass clef. The piano part features a prominent bass line with many triplets and a chordal accompaniment. The lyrics are written below the voice staff.

[illegible]

Uma
Voz: Nas al - dei - as do Miúdo à cru-

-zei-ros por. to-do o lu-gar Aên-si-nar o ca-mi-nho de quem

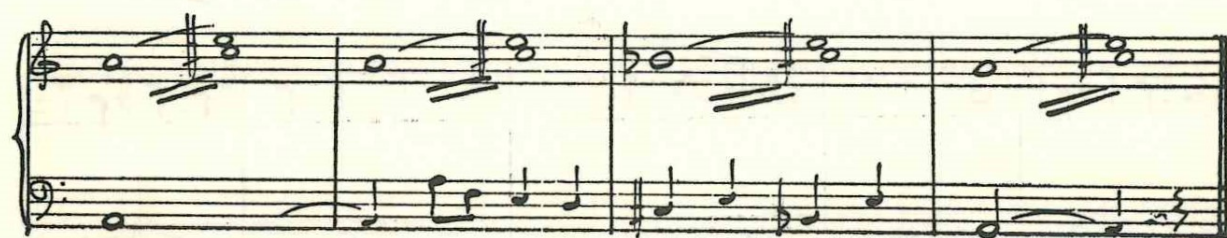
sa-be sen-tir e so-ufar e so-ufar e so-ufar! —

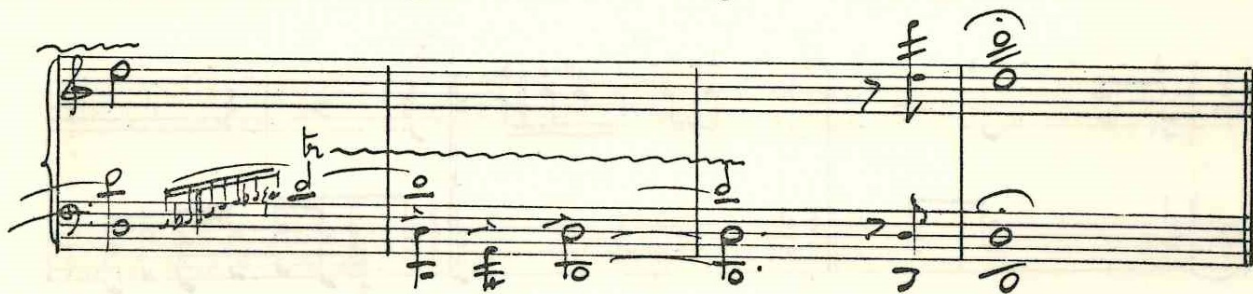
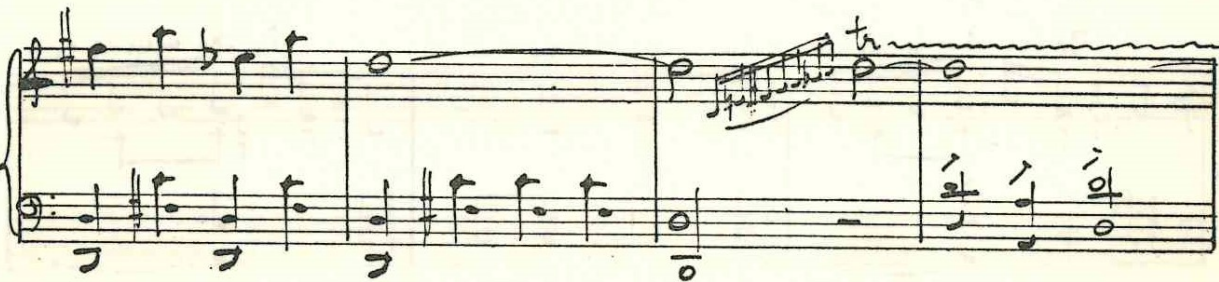
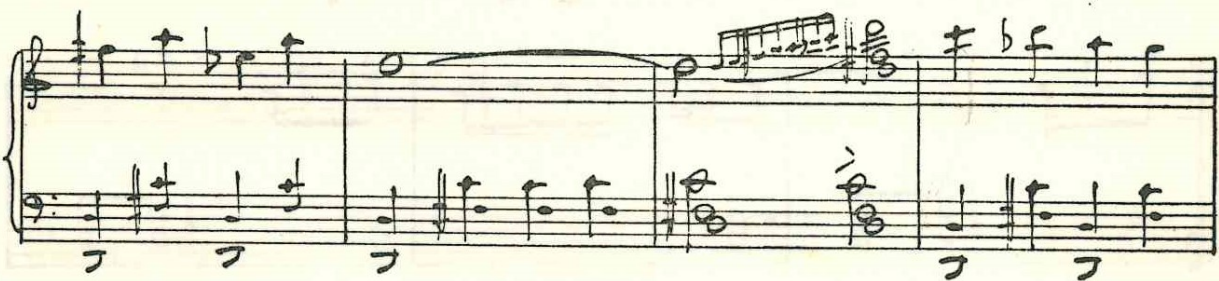
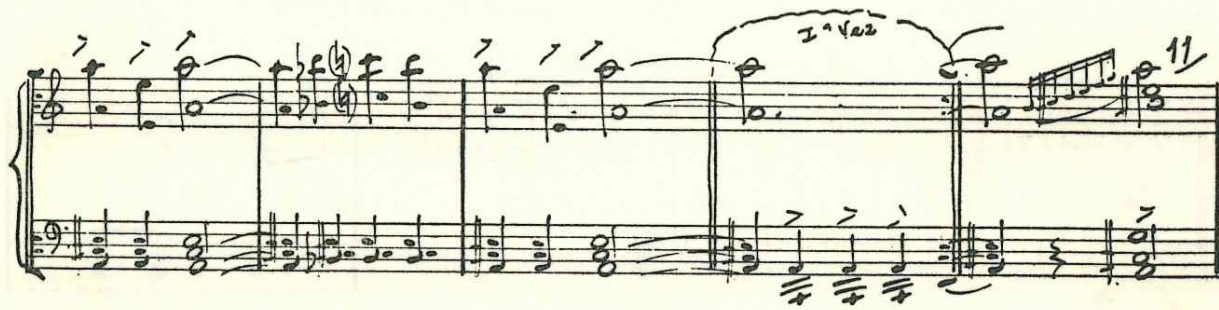
*Allegro Mod.
Maestoso*

173

9

This is a handwritten musical score for piano, consisting of six systems of staves. The notation is in G major (one sharp) and 3/4 time. The first system begins with a forte (f) dynamic and includes a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. The second system continues the melodic and bass lines, featuring some slurs and ties. The third system shows a continuation of the piece, with a 'rit.' (ritardando) marking towards the end. The fourth system is marked 'II. And.' (Andante) and features a more active melodic line in the right hand. The fifth and sixth systems continue the piece, with the right hand playing a more complex, flowing melody and the left hand providing a steady bass accompaniment. The score is written on aged, slightly yellowed paper.





Allegretto

Nº 4 Côro - Boneiras e Boneiros

12

Boieira de barro ven - ue - llo A loi - ça das nossas ca - sas



Tem a cã do Sol po - en - - te - O mu - bor das nossas bra - - sas



Boieira de barro ven II An - da o barro em



mos - sas mãos A bai - larem des - quir - ra - - da - - -



Pa - ra dar forma e vir - tu - - de A' loi - ça mais va - ri -



- a - - - da And - a o barro em II



Bi-lhas vermelhas de bar-ro

Jarras de barro ver-me-lho Sois um mo-ti-vo tão

no-vo A-pe-sar de mui-to ve-lho

Sois um mo-ti-vo tão no-vo Sois um mo-ti-vo tão

A-pe-sar de mui-to ve-lho no-vo

Alegro

Ab! quem nos de ra mol - - dar a

va - - da co - - mo se fôs - - se u - -

ma jan - ra flo - - ri - da ah! quem nos

de - - ra rêr nos - - so des - ti - - no

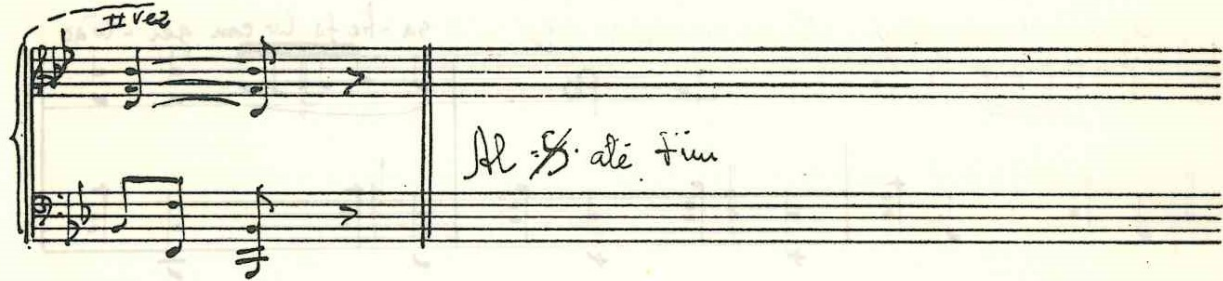
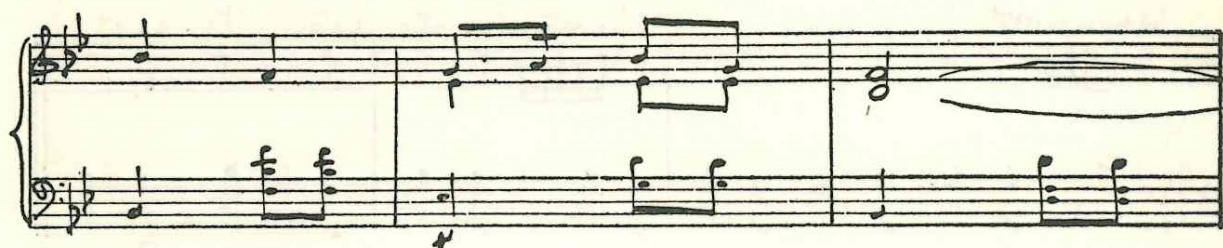
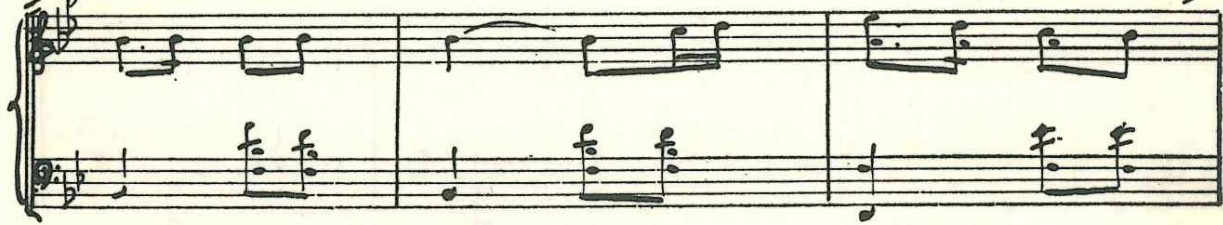
mol - - da - da ds - sim nas nos - - sas

mãos em de - sa - - ti - - no.

fim.

Moderato
Chiusa

15



Al. S. ale fin

Nº 5 Maria do Carmo

16

Moderato

The piano introduction consists of two staves. The right hand plays a melody of eighth and sixteenth notes, while the left hand provides a harmonic accompaniment with chords and single notes. The tempo is marked 'Moderato'.

Maria do Carmo

Eu não sei bem porque fe - lix ra - ção Não le encontro um so - nho que ex - ta - sia

The vocal entry begins with the lyrics 'Eu não sei bem porque fe - lix ra - ção'. The melody is written on a single staff, and the piano accompaniment continues on two staves.

A sua voz tem o fa - tal en - dão De me-di-zer que a vi - da é a -

The vocal line continues with the lyrics 'A sua voz tem o fa - tal en - dão De me-di-zer que a vi - da é a -'. The piano accompaniment supports the melody.

- ma a - le - gria chei - o de luz de vi - da é de ex - pres - - são

The vocal line continues with the lyrics '- ma a - le - gria chei - o de luz de vi - da é de ex - pres - - são'. The piano accompaniment continues.

O seu olhar since - ro é pe - ne - trante sa - be fa - lar com gei - tões

The vocal line continues with the lyrics 'O seu olhar since - ro é pe - ne - trante sa - be fa - lar com gei - tões'. The piano accompaniment continues.

eo - ra - ção sa - be so - nhar um so - nho é - ne - - - bri... .

The vocal line concludes with the lyrics 'eo - ra - ção sa - be so - nhar um so - nho é - ne - - - bri... .'. The piano accompaniment continues.

- au - - te. Eu não - sei bem porque fátal des - ti - no - He - le - an.

con - tre o meu malor me bran - to Linda vi - são

a um sonfopere - gri - no - - Oh! meu a - mor Oh! meu é - tur no en -

can - - to. Eu não can - - to *Voz (B-chiusa)*
p *uma corda*

Flta solo *Voz* *Flta solo*

Voz *Flta* *Voz* *Flta* *Orchestra*

Tempo de Valsa

Op. 5

18

The piano introduction consists of two staves. The right hand starts with a treble clef, a key signature of one flat (B-flat), and a 3/4 time signature. It begins with a half note B-flat, followed by a quarter note D, a quarter note F, and a half note A. The melody continues with a series of eighth and sixteenth notes, ending with a half note G. The left hand starts with a bass clef and a half note B-flat, followed by a quarter note D, a quarter note F, and a half note A. The accompaniment consists of a series of eighth and sixteenth notes, ending with a half note G.

Quando vai pelos montes
era final um pastor
Quando vai pelos montes
O quando vai nos montes

ta - dos A - can - tar canções d'a - mor
ta - dos A can - tar canções d'a - mor

can - sei - ras nem cui - da - dos
can - sei - ras nem cui - da - dos

era is - se pas - tor des cui - da - do
era is - se pas - tor des - cui - da - do?

lem - bra - va a Pri - ma - vera
um Prin - ci - pe len - da - rio
Per - di - da pelo
mon - - -

-ta - - - do Um di - a Vin 19

pas - to - ri - u - ra Com a le - ve - za

Dumân - do - ri - u - ra O - lhar, sor - rir e pas - - - sar

En - tão fi - cam Es - se pas -

tor É - ne - bri - a - do Grê - so d'a - mor -

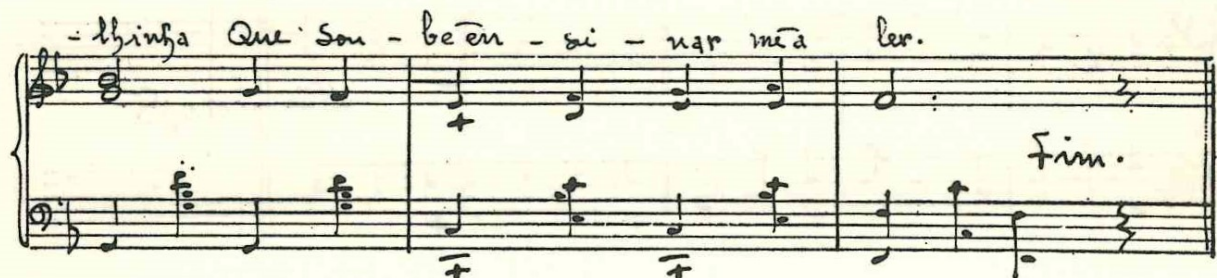
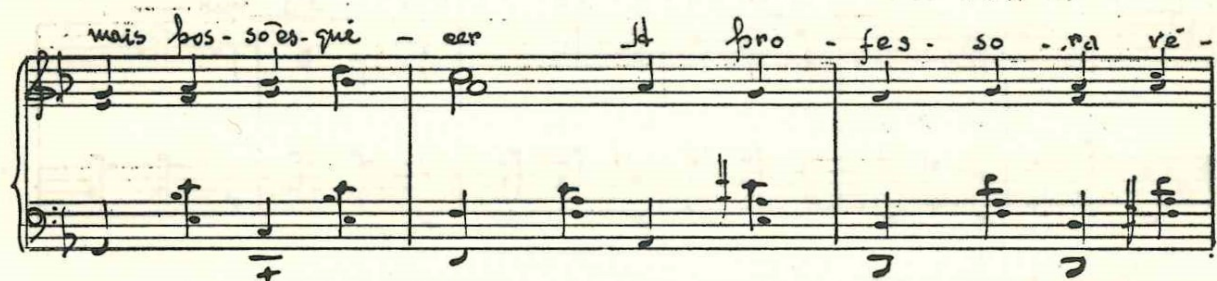
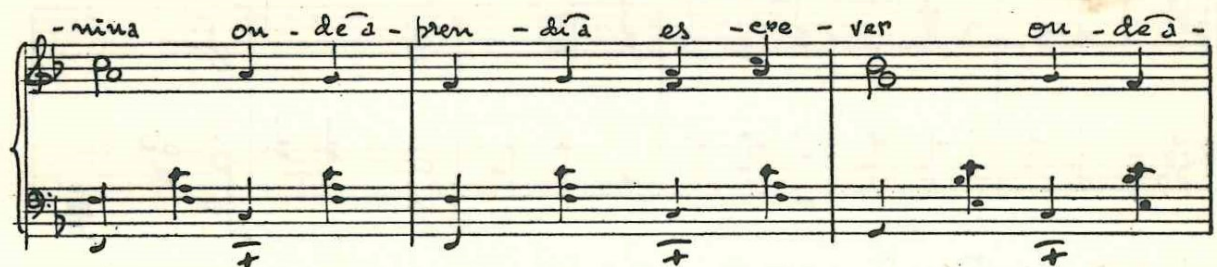
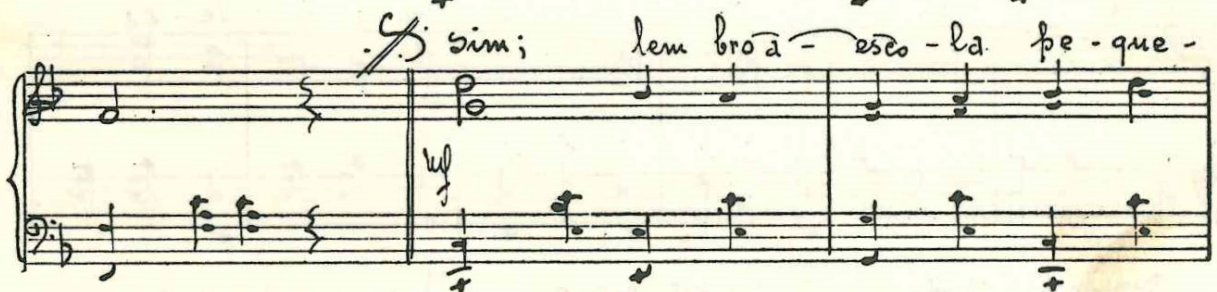
Ge - la - das - to ra a - so - u - gar

I II

Não ao S.

mod^{to}

Op. 7



1. - Em redor da mi-nha es - lo - - - la 21
 2. Com que saudá des en lem - - bro A mi-nha po-bre sa -

- ra - - da Gon sa-da nos ar-ro - re - - - dos
 - co - - la A minha lousa os meus li - - - vros

Aês-en-tar a ta-bu - a - - da Bãja-ne-las-madre -
 E a me-renda paráa es - co - - la Quantos êr-ros no di -

- sil - - vas - ou-vi-ram tan-tas li - - cões
 - ta - - do E quan-tas li-cões de cor

Que já sa-bi am de cor Os ver-bos e as con-jun -
 Foi as-sim quem a-pron-di A ler ro-man-ces d'a -

- cões -
 - mor. Ao 2.º 2 Vezes
 e
 Depois Fim

Joaquim: Vi - ver sem um rai-o de Luz — — — — — Im - dar nes-te

The first system of music shows a vocal line with a melodic line and a piano accompaniment with chords. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 3/4.

mundo sem nor - . te São cai-sas que fa - zem eis - mar

The second system continues the musical piece, with the vocal line and piano accompaniment. The piano part features a steady bass line and chords.

é vi daã-ca - mi-úo da mor - . te {Eugénio} {Ir-ra! ea-

The third system of music continues the composition, with the vocal line and piano accompaniment. The piano part has a consistent harmonic support.

-ramba! Que epi - sas bo - ni - las Ir - ra ea - ramba! Tu

The fourth system of music continues the piece, with the vocal line and piano accompaniment. The piano part maintains the harmonic structure.

sa - be - di - zer

The fifth system of music continues the composition, with the vocal line and piano accompaniment. The piano part has a steady bass line and chords.

-saúdo On - de é ea - ramba! Que as fôs-teã-pren - der

The sixth system of music concludes the piece, with the vocal line and piano accompaniment. The piano part has a steady bass line and chords.

Assim é que é A gen-te só de - ve Pen sar a - té Na

mf
allegro

vi-dã su - bir Engul-gô - té Que é joi-o da - rai-o

O des-gra - ção Que não se ins-tru - ir Jr - ra! Ca -

res - . .

- rai-o Que epi - sô - p - nitas Jr - ra! Ca - rai-o! Tu

sem do

sa-bes di - zer Jr - ra! Ca rai-o bu fi - co pen -

- sando ou-de é Ca - rai-o Que a fô - te a - pren - der

rai-o

Gozo Mais

24

Vi - ver sem rai - o de luz

An - dar no mun - do sem morte

Cai - sas que fa - zem eis - - - - - mar

vi - da a ca - mi - ufo da mor - - - - - te

Tônio-Dilgado 91:9. Ah! Ti chico (Amador) se fosses mais novo 25

Qu'importe um nome? O valor está já pessoa

Tempo de Valsa Qu'im - por - ta quem eu sou se

to - da a gen - te vê — que vi - vo a

tra - ba - lhar um

no - me ha - ra quê? ral: p

Qu'im - por - ta quem eu sou Um

p. *atempo*

no - me pa - ra quê? Não vi - vo do mis -

te ri - o Vi - vo do que se - vê

Goos Meurs

I: Sou al - quem que neste mundo Fe - vê o mal - di - to con - dão

II: Sou co - mo as ervas ras - ti - das Que dão dos campos fres - cura

De sa - ber sentir a - mar De ter al - mud e co - ração

br - vas sem nome a cam - pi - na Nel as encon - tra a ver - da - de

Sou al - quem que nes - te mundo Fe - vê o mal - di - to con -

Não te - nho se - quer um nome Nem jamais ti - ve bra -

- d'ão De sa-ber ^{I^a} sen-tir ^{vez} e a - mar

de ter al ma de ter um co - ra -

- d'ão ^{II^a vez} Deixai cantar quem tra -

balha Que o tra - ba - lho é uma cu - ção

O 10 Final Grêmio

28

Tempo de Valsa

Tônio (falado)

Qu'importa!

A verdade ba-de

The first system of music shows a piano accompaniment in the left hand and a vocal line in the right hand. The key signature has one flat (B-flat), and the time signature is 3/4. The vocal line begins with a rest, followed by a series of eighth and quarter notes.

surgir

E eu voltarei, Maria do Carmo

The second system continues the musical piece. The piano accompaniment provides a steady harmonic foundation, while the vocal line enters with a series of eighth notes.

Ouvés Joaquim? Olha que eu voltarei.

The third system shows the vocal line continuing with a series of eighth notes, while the piano accompaniment remains consistent.

Senhor Regedor, às suas ordens!

The fourth system features a vocal line with a series of eighth notes, followed by a half note, and then a quarter note. The piano accompaniment continues with a steady rhythm.

Maria do Carmo E -

The fifth system shows the vocal line with a series of eighth notes, followed by a half note, and then a quarter note. The piano accompaniment continues with a steady rhythm.

-ra uma vez um pas-sor

Queda-da - va pe-las man-

The sixth system shows the vocal line with a series of eighth notes, followed by a half note, and then a quarter note. The piano accompaniment continues with a steady rhythm.

ta - dos A can - tar canções d'a - mor



can - sei - ras num cui - da - - dos Nin - guém sa - bi - a quem



e - - ra Es - se pas - tor des cui - da - - do Que



lem - bra vãa Gra - ma - vera per - di - da pe - lo



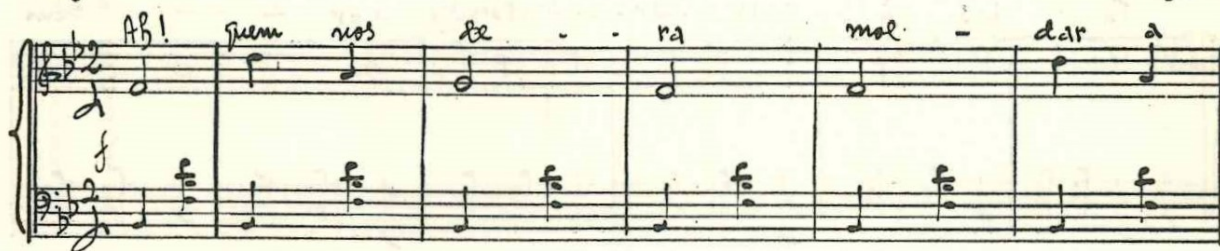
mon - ta - - - do Moderato



Allegro (Baieiras e Baieiros)

30

AB! quem nos de - - ra mol - dar a



vi - - da co - - - mo se fôs - se - u - -



-ma jar - ra flo - - - ri - da AB! Quem nos



de - ra ver nos - so des - ti - - no mol - -



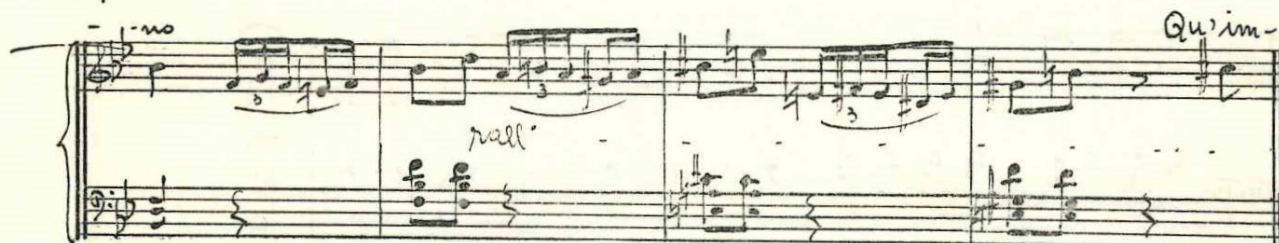
- da - do as - - sim nas nos - sas mãos em de - sa - ti - -



Menos

-no Qu'im-

rall.



Tempo de Valsa

-por-ta quem ou sou — se .. to - daa gen - te vê 31

Que vi - voa tra - ba - lha um

no - me pa - ra quê? *sal -*

Qu'im - por - ta quem ou sou — um *atempo*

no - me pa - ra quê? — Não vi - vo do mis -

ti - ri - o vi - vo do que se vê —

And^{te}

Tempo de Valsa

32

maria do
daniel

um di - a vin

A pas - to - ri - u - a Com a le - ve - za In - m - an - do -

- ri - u - a o - l - h - a - r - sor - rir e pas - sar ben - t - a - o fi -

em Es - se pas - tor e - ne - bri -

- a - do Pre so d' a - mor Pe - la pas - to - ra - a so - u - har OS Don -

- ra uma vez um pas - tor Que anda - va pe - los mon - ta - - -
um di - a vin . A pas - to - ri - u - a

can - tar can - ções Sã - mor

Com a le - ve - za du - man - do ri - u - ça

can - sei - ras nem qui - da - - - dos Nin - guém sa -

O - ban sor - rir pas - - - sar ben - - -

bi - a quem era pas - se pas - tor des - eni -

- tão fi - con - - - - - se pas -

- da - do Que lem - bra - vã a Pri - ma - vera per -

- tor be - ne - di - c - to Pre - so d'a -

da - da pe - lo mon - - - - - do

- mor Se - la pas - to - ra - so - u - gar

II

Allegro mod.^{to}

2^o Acto
N^o 11 Entre-acto

34



Tempo di Valsa 35

This is a handwritten musical score for piano, consisting of six systems of staves. The notation is in a single system, with a grand staff (treble and bass clefs) for each system. The music is written in a key signature of one flat (B-flat) and a 3/4 time signature. The first system features a long, flowing melodic line in the right hand, with a corresponding bass line. The subsequent systems show a more complex interplay between the hands, with various chordal textures and melodic fragments. The notation includes many accidentals (sharps, flats, naturals) and dynamic markings (accents, slurs). The paper is aged and shows some staining.

Nº 12
Coqueiras e boneiros cantam enquanto trabalham na
primaverinha do largo

35

Moderato

Voz

fe - lie a nos - sa al - dei - a Por ter ou - de tra - ba -

-har ja não temos qua - dri - lhei - ros Ge - las noites de lu -

- ar - O "eja - se" foi-se de vez Sa - ra não vol - tar ja -

mais A - go - ra ja nos pas - sa - mos Sem mê - - do nos fi - zei

-rais Ma-vi-a en-tre nós um pro-fundo hor-ror

Por tantos as-sal - tos Dê-se mal-fei - tor

Allegretto
chase! chase! chase! Horror de to-da a parte do bo-vo - a - do chase!

chase! chase! Fantasma e pa-dribeiro No pas-sa-do já não te - mos

Mais hor-ror Dê-se gran-de mal-fei - tor

Moderato

Handwritten musical notation for the first system, featuring a treble and bass staff with a forte (*f*) dynamic marking.

Handwritten musical notation for the second system, including the lyrics "sim! Bem-brã-dã-co-la pe-sue-".

Handwritten musical notation for the third system, including the lyrics "-nina ou-de-ã - preu-deu-ã-es-cre-ver ou-de-ã-".

Handwritten musical notation for the fourth system, including the lyrics "preu-deu a dou-tri-na sim! Nun-ea".

Handwritten musical notation for the fifth system, including the lyrics "mais po-de-es-que-cer st pro-fes-so-ra re-".

Handwritten musical notation for the sixth system, including the lyrics "hinga que sou-be-ã-si-nã-loã dep. Fim".

1.^a Um re-tor da su-fes co - - - la
2.^a Com que sauda des lem bra - - - va
Vi-a sempre a pas-sa
A su-a po-bre sa-

- ra - - - da
- co - - - la
Gausa-da nos ar-vo - ra - - - dos
A sua lousa os seu li - - - vros

A es-cu-ta-a ta bu - a - - da
E a me-renda pra es - co - - - la
E a ja ne-la as ma-dre-
Quanto er-nos no di -

sil - - - vas
- ta - - - do
Ou vi ram tantas li - cões
E quantas li-cões de cor

Que já sa-bi-qm de cor
foi as-sim que lê-rem - den
Os ver-bos e as con-jun-
A ler ro man-ces de a-

At. 8. 2 vezes
e
Depois Fim

Nº 14

Mulher do Cabo de ordens
Mulher do Regedor
Joachim
Ingrácia

40

Allegretto

Mulher do Cabo de ordens Mulher do Regedor

A mu-lher do ca-bo de or-des Eu cá sou a Ri-gi-

Joachim Ingrácia Todos

do ra - O Joa-quim da loi-ça gros-sa - Maila Ingrá-cia tin-ta - do - ra pó! pó!

pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó!

- lher do Ri-gi - dor sei ri-ger calque fun-ção Mestre lo-go o mun va - lor cum cum a
- lher do ca-bo de or-des do or-des cum ac-to gei-to e se ba de - sor-des nas or - des cu po -

- xar loi-ça de bar-rô Eu cá tanto cer-ta mos - sa Não to - co na loi-ça fi - na to-co
de tanto tin-tar A loi-ça por dentro e fo - ra Sei to-car bem no fim - tel - Gor is -

va-tu-ta na mon [Todes] I II e III vezes
nã tu d'oures peito 1ª vez do Cabo de ordens { San mu -

so na loiça grossa pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! III vez Joachim { Gra fa -
- so sou tinta - do ra 1ª vez Ingrácia { cu cá

Repete 4 vezes

IV^a Vers *Todos* Beis um "cor-te-to" de fama — Ta-ra-ás — som-brar to d'aa 41

pó! *f*



gente To-cas-sen-ta-do ou de pé — To-ca de trás ou de.

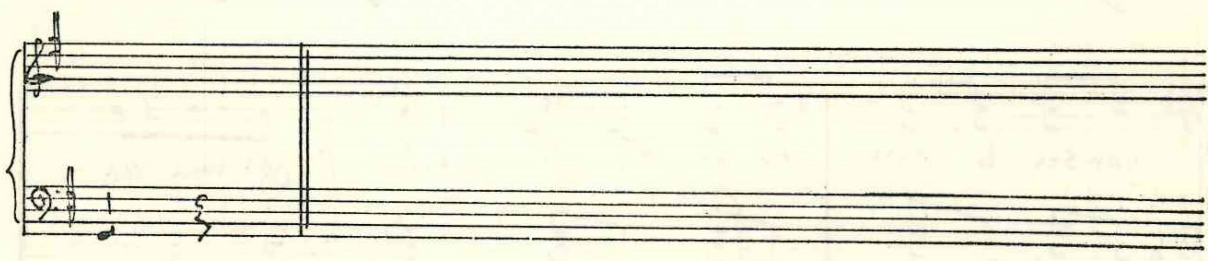
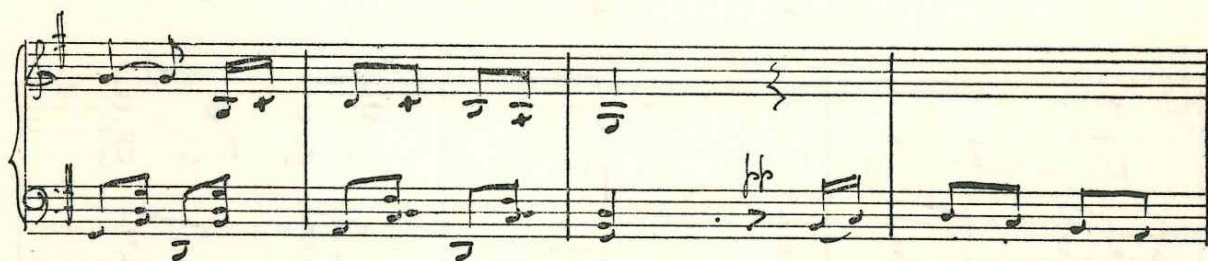


frete *pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó! pó!*



saem

duin



Alegro mod^{to}

mf Já sei coí-sas a va - ler des - de que
bem meo don di - niz fêz do Ca -

te-uf o es - tu - dado Sei di - vi - tip e so -
mões ge - ne - ral pra des co - brir o Bra -

- mas Sei fa - zer co - tia e di - tado Sei tam -
- zil com a a - ju - da do Ca -

f - bral & don di - niz do sa - ber que o Bra -

zil foi con - quis - tado can - tou na cõr - te es - tes

ver sos & dan - sou en - tu - sias - mado Oh! meu Ca -
ral -

Tempo de Maxixe

43

- mães á-dorá-do
des-conhecidas

Oh! meu ca-bral
já-ca-re

Rom-es-se
Ao var-o

gostou fa-ma-do
e a mães guerreiro

sin-to a fi-nal
Ba-ten-ção pe

Queã nos-sa bis-
po-bre

-to-mato fi-re
bi-cho catado

De in-cantos mil
Doulhem trampo-cho

In-tro-au-
e e-leão fu-

-zu o maxixe
-gir a pres-sa do

Um ter-ras do Bra-zil
Zim-ba! cegou dum

Nas selvas

Oh! mal

1º Tempo

Op. 16
Mulher do Cabo de ordens
Mulher do Regedor - Joaquin Rege comica mente

44

Mol. to

Mulher do Cabo de ordens / Mulher do Regedor / Mulher

ou sou a mal-ga de-li ca da ou sou ta-cha um-bi - cum da Senhora-

do Cabo de ordens / Mulher do Regedor / M. do C. de ordens / M. do Re-

gre-sa mas fi-nu-ra Em mi-nu-li o bar-ro a-bun-da Senhora ta-cha Senhora

grau / M. do C. de ordens / Mulher do Regedor / Mulher do Cabo de ordens

mal-ga Mas que gor-du-ra Mas que far-ri - pas A. pre! que gran-de bar-ri -

Mulher do Regedor / M. do C. de ordens / Mulher do

- ga-da Irra! que pau de vi-rar tri - pas Senhora tri - pas Sou e-le-

Allegro Cabo de ordens / Mulher

gante e sou bo-nita Mal-ga de barro e bem ca-tita Sou rebo -

do Regedor / Mulher do C. de ordens

- luda Sou a-na - fada ta-cha de barro A ver-me - chada fuma ou sou a

Gr. 14 Coro

Tempo de Marcha

45



Allegretto

Nº 18
Boieiros dançam enquanto um boieiro
canta alternando com uma boieira. A 5ª vez todos

46

1ª vez - Um boieiro - Boi -
2ª vez - Uma boieira - Fer -

3ª vez - Um boieiro Boi -
4ª vez - Uma boieira Fi -
5ª vez - Todos Di -

- ei - ri - u - ba de - li - ca - da for - que - mo - ti - vo - bi - zar - ro Boi - ei - ri - u - ba de - li -
- gun - tas por que ra - zão ou lúbia fa - ce co - ra - da Fer - gun - tas por que ra -
- de te vi - drar o ros - to pa - ra não per - de - res a cor Boi - de te vi - drar o
- coa tu gos - to - ra vê - de que a - tre - vi - do to - lei - rão Fi - coa tu gos - to - ra
- zes sim, eu di - go não si - nal de pou - ça ven - tura Di - zes sim, eu di - go

- ca - da for - que mo - ti - vo - bi - zar - ro tens a fa - ça - rar me -
- zão ou lúbia fa - ce co - ra - da re - u - so ver - go - sa e tu
ros - to pa - ra não per - de - res a cor das de - o - car a men -
vê - de que a - tre - vi - do to - lei - rão dei - tas bar - rão pa -
não si - nal de pou - ça ven - tura Boi - ca me fa - ça pres -

há - da Da cor da loica de barro
não é o - moa loica me bra - da
gos - to é as - sim te - rás mais va -
- re - de Mas não co - la; cai no -
- tão é loi - ça de pou - ça lor - ção!
du - ra

Nº 19

Moderato

Tônio

47

I: In - da - mos to - daã vi - daã ver se con se
II: se le mos al - ma for - te - ga - mos no - va -

guiramos A - tin - gir um de - se - jo um so - nho um pensa -
mente A vi - daã no - vo em - cei - oã for - ça de vou -

- mento Ninguém sa - be en - ten - der a - qui - lo que sen -
- tade be - si - tar para quê? o fu - tu - ro é pre -

rimos Ao ver que es - se de - se - jo a - tin ge o de - sa -
- sente ba - ve - mos de ven - eer o fo - go d'ancie -

lento - da de! fim I: - Quem não li - ver na vi - da um pensa -
II: - Não sa - be a - va - li - ar o so - fri -

men - to Um so - nho a per fu - mar a pro - pri a Vi - da
men - to & Vi - da mor - ta e fo - ça ressi -

II^{va} 48

qui - - da! Ga-ra-ã frente é o ca-mi-nho de quem so - uha Ga-ra-ã

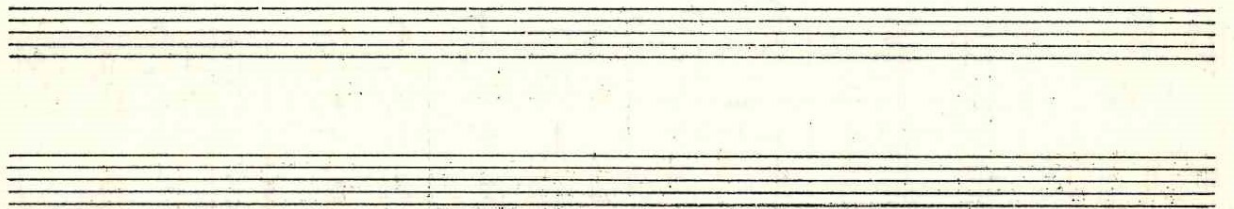
frente é a di-vi-sa de quem a - ma Quero ver o men-so-ujo a diva-

gar Ao ca-lor du-ma-i-dei-a me se in-fla - ma Quero

I^{vez}

II^{va}

fla - ma De até Fim



Coro Final

Tempo de Valsa

49

Um di - a vin -

pas - to - xi - ufa com a le - ve - za

Du - mândo xi - ufa o - lhar sor - rir pas - -

- sar ben - ção fi - com as - -

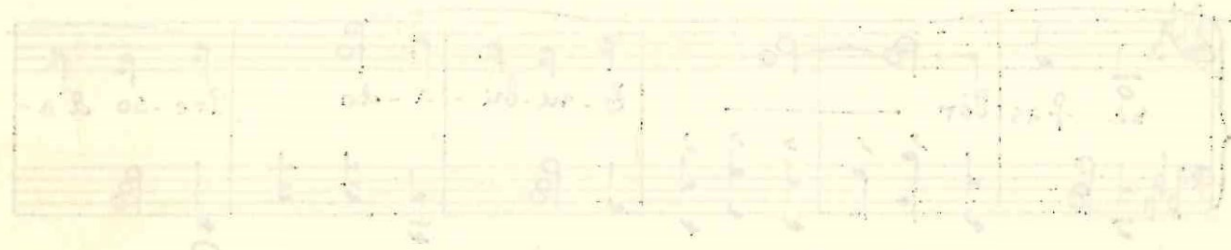
se pas - tor b - ne - bri - a - do pre - so d'a -

- mor ga - la pas - to - ra a so - ugar

Amadeus 1968

Transcription

Handwritten text, possibly a title or subtitle.



TIPOGRAFIA GOMES

R. Conde Vizela, 149 — 4000 Porto

200 ex. — 1/79

biblioteca
municipal
barcelos



31818

Sonhos de barro